



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE
ECONOMIA, SOCIEDADE E POLÍTICA
(ILAESP)**

LICENCIATURA EM FILOSOFIA

REALIDADE, LINGUAGEM E SILÊNCIO
UMA LEITURA DO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* DE WITTGENSTEIN

VITÓRIA BISCARO COELHO

Foz do Iguaçu
2022

REALIDADE, LINGUAGEM E SILÊNCIO:
UMA LEITURA DO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* DE WITTGENSTEIN

VITÓRIA BISCARO COELHO

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Economia, Sociedade e Política da
Universidade Federal da Integração
Latino-Americana, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Filosofia

Orientador: Prof. Doutor Stefano Busellato

Foz do Iguaçu
2022

VITÓRIA BISCARO COELHO

REALIDADE, LINGUAGEM E SILÊNCIO:
UMA LEITURA DO *TRACTATUS LOGICO-PHILOSOPHICUS* de Wittgenstein

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Economia, Sociedade e Política da
Universidade Federal da Integração
Latino-Americana, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Doutor Stefano Busellato

UNILA

Prof. Doutor Johnny Octavio Obando Moran

UNILA

Prof. Doutor Gonzalo Patricio Montenegro Vargas

UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de ____.

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo da autora: Vitória Biscaro Coelho

Curso: Filosofia-Licenciatura

Tipo de Documento	
(X) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(X) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: Wittgenstein e o Silêncio: Uma Leitura do *Tractatus Logico-Philosophicus*

Nome do orientador(a): Prof. Doutor Stefano Busellato

Data da Defesa: 29/07/2022

Licença não-exclusiva de Distribuição

O referido autor(a):

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca Latino-Americana – BIUNILA a disponibilizar a obra gratuitamente e de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 3.0 Unported*.

Foz do Iguaçu, 09 de agosto de 2022.

Assinatura do Responsável

Dedicado ao meu professor do ensino médio que cativou o meu interesse pela filosofia, Marcelo da Luz.

Também a um antigo colega, Carlos Reis, que apesar da falta de proximidade, foi quem me fez refletir verdadeiramente sobre o que não faz sentido.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a meus pais, Rosana e Ethos, que me deram todo o suporte e estrutura necessária para a conclusão do curso, sem eles eu não estaria nem aqui, nem em qualquer lugar, agradeço pelo amor e tudo mais. Quero adicionar aqui um agradecimento para minha família em geral, além dos meus pais, o Bartolomeu e Catarina que trazem sempre calma em momentos de ansiedade. O Leonardo, pessoa que me acompanhou tão de perto nesse momento, dando apoio, suporte e me puxando de volta para o mundo quando as ideias já se distanciaram demais da realidade. Aqui cabe um agradecimento também à Digna e José Maria que me acolheram como parte da família. Murilo, que mesmo que quase sempre de longe, não deixa de estar tão perto de mim, me aproximando de quem eu já fui. Por fim, a Ana e Lucas pelo mais puro amor.

Aos meus amigos que me acompanharam em todo o processo da graduação e crescimento pessoal, agradeço especialmente a Laura, minha melhor amiga, que sempre entendeu tudo que eu queria dizer, mesmo quando não fazia sentido. Seu filho lindo que não me deixa esquecer como o tempo passa rápido demais para não viver e crescer um pouco todos os dias. Agradeço a todos os companheiros de Bar. Nisso destaco o Allan, o mais companheiro para uma cerveja, sempre pilhando discussões políticas e risadas. Vinícius, por falar o que pensa e ser o inconveniente mais conveniente para risadas e autorreflexões. Victória, a maior artista que conheço, por sempre trazer aconchego em nossas conversas. Alana, companhia tão amável que leva sempre a boas risadas. Agradeço também a Matheus, Maria e Monique por ter passado com vocês tantos momentos importantes na graduação. E a Leandra pelos momentos antes, durante e os que virão.

Agradeço também a universidade e todos que fazem parte dela, fazendo ela ser um dos meus lugares favoritos do mundo. A todos os professores por mostrarem que filosofia é muito mais do que eu poderia ter imaginado, agradeço por alguns, que colocaram um exemplo que passarei o resto da minha vida tentando seguir. Agradeço também a todas as técnicas e técnicos, especialmente àqueles que auxiliam em um processo de inclusão, nisso destaco Daiane que por bom coração ajudou com que esse trabalho sobre o sem sentido tivesse um pouco mais de sentido e muito menos erros gramaticais. Agradeço ao Professor Octávio pelas

críticas afiadas, um dia quero poder fazer apontamentos tão ricos quanto os que me foram dados. Quero agradecer ao Professor Gonzalo que foi tão presente em toda a minha graduação, no total lecionou sete disciplinas e me orientou na iniciação científica, sempre dando uma atenção e cuidado enorme aos seus alunos. Agradeço ao Stefano, primeiro, por ter me apresentado o tema que, pelo menos no momento, mais tenho amor e interesse. Segundo por me orientar, ensinando a encaminhar e catalisar isso para escrever esse trabalho, além de ter dado a disciplina de forma tão interessante e enriquecedora que eu poderia com prazer assistir pela terceira vez e ainda querer rever.

Por fim, quero agradecer de novo a pessoa que, convenientemente, inspira boa parte dos exemplos que têm nesse trabalho. Pessoa que me ensinou sobre amar e ser amada, sobre companheirismo e compreensão. Obrigada por me fazer sentir totalmente segura e me ensinar algo novo todos os dias. Leonardo, eu te amo com todo o meu coração, mesmo que dizer isso não tenha sentido.

*O que será que será
Que vive nas idéias desses amantes
Que cantam os poetas mais delirantes
Que juram os profetas embriagados
Que está na romaria dos mutilados
Que está na fantasia dos infelizes
Que está no dia-a-dia das meretrizes
No plano dos bandidos, dos desvalidos
Em todos os sentidos, será que será
O que não tem decência nem nunca terá
O que não tem censura nem nunca terá
O que não faz sentido*
Chico Buarque de Holanda¹

¹ “Em 15.9.92, ao tomar conhecimento do conteúdo de sua ficha no Dops-DPPS, em que há uma análise de ‘O Que Será’, Chico Buarque declarou ao Jornal do Brasil: ‘acho que eu mesmo não sei o que existe por trás dessa letra e, se soubesse, não teria cabimento explicar...’ Fonte: Livro 85 anos de Música Brasileira Vol. 2, 1ª edição, 1997, editora 34” Nota sobre O que será por Jairo Severiano e Zuza Homem de Mello disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/letras/notas/n_zuza_flordate.htm>

COELHO, Vitória Biscaro. **Realidade, Linguagem e Silêncio: Uma Leitura do *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein.** 2022. Número de páginas (a definir). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) — Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMO

Este trabalho analisa a ideia de silêncio em Wittgenstein, com foco principal na obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, explorando o problema da relação entre realidade e linguagem. Ou seja, se a linguagem é capaz de exprimir a realidade, se é possível dizer tudo que constitui a possibilidade do mundo. Assim sendo, este texto abordou a natureza da linguagem, da realidade, da proposição e dos objetos, analisando a maneira como estes se relacionam com base na Filosofia de Wittgenstein. A hipótese que norteou a pesquisa foi a de que o autor admite a existência de temas que fogem da possibilidade da linguagem e que a conclusão “aquilo que não se pode dizer deve-se guardar silêncio” do autor está amparada em uma noção de silêncio como signo de algo que não pode ser dito, tendo em consideração os limites da linguagem. O filósofo estaria, então, apontando para a existência de questões que não podem ser tratadas pela linguagem, mas de alguma forma podem ser identificadas na vida. Isto é o Místico para Wittgenstein.

Palavras-chave: Filosofia. Filosofia da Linguagem. Wittgenstein. Silêncio. Místico.

COELHO, Vitória Biscaro. **Realidad, Lenguaje y Silencio: Una Lectura del *Tractatus Logico-Philosophicus* de Wittgenstein.** 2022. Número de páginas. Tesis de Grado (Profesorado en Filosofía) – Universidad Federal de la Integración Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2022.

RESUMEN

Este trabajo analiza la idea de silencio en Wittgenstein, con un enfoque principal en la obra *Tractatus Logico-Philosophicus*, explorando el problema de la relación entre la realidad y el lenguaje. Es decir, si el lenguaje es capaz de expresar la realidad, si es posible decir todo lo que constituye la posibilidad del mundo. Por ello, este texto abordó la naturaleza del lenguaje, de la realidad, de la proposición y de los objetos, analizando la cómo se relacionan a partir de la Filosofía de Wittgenstein. La hipótesis que guió la investigación fue que el autor admite la existencia de temas que escapan de la posibilidad del lenguaje y que la conclusión del autor "aquello que no puede decirse debe callarse" se sustenta en una noción del silencio como signo de algo que no puede ser dicho, teniendo en consideración los límites del lenguaje. El filósofo estaría entonces señalando a la existencia de cuestiones que no se pueden tratar con el lenguaje, pero que de alguna manera se pueden identificar en la vida. Esto es lo Místico para Wittgenstein.

Palabras clave: Filosofía. Filosofía del Lenguaje. Wittgenstein. Silencio. Místico.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - CRÍTICA LÓGICA DA LINGUAGEM	16
1.1 A CRÍTICA RAZÃO PURA X A CRÍTICA LÓGICA DA LINGUAGEM	16
1.2 NATUREZA ESSENCIAL DA PROPOSIÇÃO	22
CAPÍTULO 2 - REALIDADE E LINGUAGEM	28
2.1 MUNDO E REALIDADE	28
2.2 AFIGURAÇÃO E PARALELISMO	30
2.3 SENTIDO E SIGNIFICADO	34
2.4 OBSERVAÇÕES	42
CAPÍTULO 3 - O SILÊNCIO	54
3.1 A LÓGICA	54
3.2 A QUESTÃO DA ÉTICA	57
3.3 A METAFÍSICA	66
3.4 IMPLICAÇÕES E O “SUICÍDIO AUTOFÁGICO”	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

A Filosofia da Linguagem, ao tratar das relações linguísticas como um todo e ser responsável por formular e refletir acerca de regras e condições para seu uso correto, proporciona a solução de problemas filosóficos em todos os campos da Filosofia, já que esta depende da linguagem para sua expressão. Um exemplo dessa generalidade da área foi Wittgenstein ter escrito em seu prefácio do *Tractatus* que, com o próprio trabalho, todos os problemas da Filosofia teriam sido resolvidos. Além de afirmar que todos esses se davam pelo mau uso da linguagem ou desentendimento da lógica por parte dos outros filósofos ao longo da tradição. Ao mesmo tempo, o filósofo também afirma que o valor da sua obra também está em demonstrar a falta de importância de ter resolvido todos esses problemas. Cito:

“Portanto, é minha opinião que, no essencial, resolvi de vez os problemas. E se não me engano quanto a isso, o valor desse trabalho consiste, em segundo lugar, em mostrar como importa pouco resolver esses problemas.” (WITTGENSTEIN, 2020, p.127)

Por isso, a análise do problema da relação da linguagem com a realidade é tão central, pois, a compreensão desta relação leva a uma consciência que implica na melhor formulação de questões, solução e até a desconsideração de outras por oferecer uma nova perspectiva aos problemas discutidos na filosofia. Sendo assim, a justificativa dada à escolha deste tema é a intenção de uma aproximação de um melhor exercício e compreensão da Filosofia. De forma geral, estudar filosofia da linguagem pode implicar no melhor uso da linguagem, e aprender mais sobre essa área auxiliará a aprender mais e melhor outras.

O problema a ser tratado neste trabalho é a relação entre realidade e linguagem: a linguagem é capaz de exprimir tudo aquilo que há no mundo? Este trabalho teve como base o único livro publicado em vida por Wittgenstein: *Tractatus Logico-Philosophicus*. Um ponto de partida aqui é o caráter simbólico da expressão do pensamento e da linguagem, tendo como implicação o questionamento lógico de “que relação um fato deve manter com outro a fim de ser capaz de ser um símbolo para este outro?” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 108).

O objetivo principal deste trabalho foi constatar a existência do inefável, aquilo que não pode ser dito, desde a perspectiva de Wittgenstein. Para isso, o primeiro objetivo específico desta pesquisa, que auxilia na resolução do principal, é a análise da relação linguagem e realidade. Neste ponto é necessário fazer uma leitura do *Tractatus*, construindo uma compreensão da constituição da filosofia do autor de maneira geral, compreendendo os elementos que participam desse sistema e fundamentam o plano de fundo da parte final do livro que se refere ao inefável. Com isso concretizado, o caminho para o objetivo principal poderá ser trilhado. Para tanto, o trabalho conta com um segundo objetivo específico. Este é relacionar e dar significado ao místico [*mystisch*], silêncio e, ao conceito formulado por Margutti Pinto², “suicídio autofágico”. Com base no final do *Tractatus*, com a caracterização da relação entre realidade e linguagem já feita, podemos analisar cada um desses conceitos e relacioná-los entre si. Esses passos acompanham, além da leitura da obra, a interpretação feita por Margutti Pinto. Para isso, a intenção é dar importância a elementos estruturais e genéticos do texto, além de biográficos de Wittgenstein, visando concluir uma interpretação do final do *Tractatus*. Essa parte do texto é alvo das mais diferentes interpretações, tendo isso em consideração, a pretensão deste trabalho não é necessariamente seguir ou prezar por alguma espécie de consenso, apenas é explorar o texto articulando uma interpretação.

Tratar sobre o silêncio é o objetivo final deste trabalho, nesse sentido, é necessário salientar que uma explicação do silêncio só poderá ser feita a partir de uma análise de um conjunto de elementos. Para falar de silêncio em Wittgenstein, antes deveremos falar sobre linguagem, com isso, da relação desta com a realidade e o mundo. Como a linguagem é composta pela totalidade das proposições é, também, imprescindível analisar a natureza da proposição e suas atribuições. Assim sendo, apesar de o silêncio, o inefável e o místico serem objetos de análise desta interpretação, estes não poderiam ser tratados fora do contexto do problema da relação entre realidade e linguagem, assim como o problema não pode ser abordado sem tocar em outros elementos do *Tractatus*. Visto que a menção do silêncio por Wittgenstein só acontece na última página do livro, o presente trabalho integra a necessidade de abordar a relação linguagem e realidade para chegar ao silêncio. Sem discutir questões que fundamentam o *Tractatus*, não podemos definir sua

² Iniciação ao Silêncio: Análise do *Tractatus* de Wittgenstein (1998)

conclusão.

Este trabalho expressa uma relação dialógica direta com a interpretação de Margutti Pinto. Nesse sentido o livro *Iniciação ao Silêncio*, tendo em vista que é um dos poucos trabalhos que tratam sobre o tema do silêncio em Wittgenstein, foi fundamental para a articulação da interpretação feita aqui. Além disso, Margutti Pinto expressa em seu livro uma análise muito completa e rica, considerando de forma articulada os elementos que estão no livro e também os que não estão. Como já disse Wittgenstein, em carta ao editor Von Ficker, o *Tractatus* tem duas partes: a primeira é a que foi escrita e a segunda a que não foi.

Em relação à metodologia, o propósito é exploratório e descritivo porque os objetivos buscam uma maior compreensão do tema e problema, propondo uma interpretação do silêncio no *Tractatus* ainda pouco discutida, adjunto a uma descrição das relações que envolvem o problema. Ou seja, a pesquisa explorou o problema da possibilidade da linguagem enunciar a realidade para propor uma interpretação desde seu desenvolvimento. A natureza do trabalho é teórica, o objetivo é unicamente gerar conhecimento, sem pretensão de aplicabilidade prática. A abordagem é qualitativa, pois aborda as relações desde descrições e articulações que fogem da possibilidade de descrição dos números. Além disso, o método é hipotético dedutivo, parte de uma hipótese, ou seja, a existência do “inefável” do qual trata Wittgenstein, seguido de uma tentativa de articular e justificar com a leitura do *Tractatus*.

CAPÍTULO 1 - CRÍTICA LÓGICA DA LINGUAGEM

Com base na apresentação de Luiz Henrique Lopes dos Santos do *Tractatus Logico-Philosophicus* (2020), sem haver um comprometimento com a sua interpretação, e adjunto a leitura do texto de Wittgenstein, pretende-se traçar uma análise do livro nesta primeira seção do trabalho. Desse modo, determinar-se-ão as intenções que o filósofo expressa sem abordar objetivamente, por hora, as questões fundamentais dessa pesquisa. Wittgenstein formula uma análise lógica da linguagem.

1.1 A Crítica Razão Pura x A Crítica Lógica da Linguagem

Seguindo o comentário de Lopes dos Santos, esta análise lógica apresenta, por um lado, raízes kantianas ao pretender estabelecer um limite à expressão do pensamento, mesmo que em Kant o limite seja dado ao conhecimento. Por essa perspectiva, veremos que ambos seguem a mesma pretensão de legitimidade e validade conferindo condições, fundamentos e limites à expressão do pensamento, no caso de Wittgenstein, ou ao conhecimento, no caso de Kant. Por outro lado, Lopes dos Santos destaca que no texto de Wittgenstein também há raízes de tradição lógica. Nesse sentido, é sensato dizer que a lógica, enquanto campo que cuida das formulações e relações que se dão na linguagem, ditará os limites da expressão do pensamento, visto que a expressão é dependente da linguagem. Por isso, conforme diz Santos, para Wittgenstein é pela lógica que se define o que é exprimível do pensamento, o exprimível sendo o com sentido.

Essa relação da crítica com a análise lógica no *Tractatus* se dá por dois pontos: primeiro, o pensamento se expressa a partir da linguagem; segundo, a linguagem deve seguir certas regras para que não caia em erro, regras que são dadas segundo as determinações da lógica. Disso infere-se que o processo de instaurar um limite para o pensamento, assim como suas condições e fundamentos, representa uma análise lógica da linguagem. Tendo em consideração que, para Wittgenstein, o mau entendimento da lógica, assim como o mau entendimento do funcionamento da linguagem e sua relação com a realidade, leva a erros de

linguagem. Tal é o caso dos problemas filosóficos segundo o autor. Escreve Wittgenstein:

O livro pretende, pois, traçar um limite para o pensar, ou melhor — não para o pensar, mas para a expressão dos pensamentos: a fim de traçar um limite para o pensar, deveríamos poder pensar os dois lados desse limite (deveríamos, portanto, poder pensar o que não pode ser pensado). O limite só poderá, pois, ser traçado na linguagem, e o que estiver além do limite será simplesmente um contrassenso. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 125).

Portanto, nessa passagem Wittgenstein evidencia a existência do limite do pensamento, que será determinado desde a linguagem. O limite deve ser avaliado desde aquilo que pode ser exprimido pela linguagem, mas o ponto a ser ressaltado aqui é que a linguagem, enquanto legítima, está ligada com o uso lógico desta, ou seja, o uso que respeita os parâmetros lógicos. É a estrutura lógica que dita esse limite.

Luiz Henrique Lopes do Santos, em seu ensaio *A Essência da Proposição e a Essência do Mundo*, corrobora o entendimento da influência de Kant no *Tractatus*. Tendo em vista que na *Crítica da Razão Pura* há uma busca por condições e limites que determinam a legitimidade do conhecimento. Kant através de uma crítica da razão, chega a conclusão de que os limites do conhecimento se dão pelas condições da subjetividade humana da natureza das faculdades.

Logo, Lopes dos Santos mostra que essa influência se mostra em Wittgenstein, que faz uma “crítica lógica da linguagem”, em que há uma busca por fundamentos, condições e limites para a expressão legítima do pensamento, determinando que a partir da forma essencial da proposição e das condições lógicas de possibilidade de uma representação proposicional é que se definirá o que poderá ser objeto da representação e como esta deve se dar. Além disso, assim como na *Crítica da Razão Pura* há uma verificação das áreas que respeitam as possibilidades legítimas do conhecimento, no *Tractatus* é possível medir o grau de legitimidade das pretensões filosóficas, assim como todos os outros âmbitos que envolvem a linguagem, partindo apenas dos padrões da lógica impostos à proposição.

Desse modo, o método de Wittgenstein se resume a analisar todos os âmbitos de expressão da linguagem, de modo a inferir os parâmetros que determinam o uso legítimo (com sentido) desta em contraposição ao uso ilegítimo (que não faz sentido). Para tanto é necessário reconhecer seus princípios e fundamentos, já que estes determinarão a sua extensão. Ao fazer isso o filósofo diferencia o uso da linguagem que respeita seus limites e condições, o uso com sentido [*Sinn*] e significado [*Bedeutung*], e aquele que não respeita, o contrassenso [*Unsinn*], o sem sentido [*Sinnlos*]³ ou o sem significado [*Bedeutungslos*]. Como consequência da aplicação de sua crítica da linguagem ele aborda todos os diferentes campos que dependem do uso da linguagem com a finalidade de elaborar essa classificação do que tem sentido e significado daquilo que não tem, para se definir o que é necessário no discurso e também para que o mesmo contenha significado e sentido. Dito isso, o filósofo analisa desde as ciências naturais, Matemática e Física, até a Filosofia, Ética e Estética, além da Lógica, tanto como produto da linguagem como fundamento desta. Essa crítica é composta pela análise dos usos da linguagem desde regras que devem ser seguidas para conservar o sentido da proposição, tratando, principalmente, da relação do que é dito com a realidade.

Ainda no prefácio do *Tractatus*, o filósofo comenta sua ambição de tratar acerca de todos os problemas da Filosofia, mostrando que a fonte de suas incoerências é o mau entendimento da lógica: “O livro trata dos problemas filosóficos e mostra — creio eu — que a formulação desses problemas repousa sobre o mau entendimento da lógica de nossa linguagem” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 125). Portanto, segundo ele, todos os problemas da Filosofia são resultados do mau uso da linguagem e que, nesse sentido, não tem esse respaldo necessário da lógica, ou seja, não fazem sentido. O mau uso da linguagem, o não entendimento da lógica, implicam na existência de contrassensos e problemas sem solução como os da Filosofia. O discurso que pretende pronunciar questões reais, sem cair em erro por problemas de formulação, precisaria passar por uma análise autocrítica lógica que assegure o sentido [*Sinn*] e o significado [*Bedeutung*], o que não seria o caso da filosofia tradicional.

³ Wittgenstein usa os dois termos, “*Unsinn*” e “*Sinnlos*”, como contrários do que possui sentido, mas estes não têm o mesmo significado, visto que algo pode não ter sentido [*Sinnlos*] e não ser um contrassenso [*Unsinn*], este é o caso das Tautologias (2020: 4.61; 4.611). (ver PINTO, 1998, p. 347)

Se considerarmos que o *Tractatus* tem raízes críticas, estabeleceremos alguns fundamentos que caracterizam a corrente da tradição crítica e, conseqüentemente, isso se tornará relevante para o presente trabalho. A corrente se caracteriza por levantar a questão da legitimidade do conhecimento buscando uma resposta na natureza dos instrumentos necessários para que o sujeito o detenha. Na modernidade, a abordagem realizada por Hume e Kant direciona o questionamento acerca da legitimidade da Filosofia e seus objetos, assim como, a legitimidade das ciências empíricas e seus objetos. Além de caracterizar a natureza dos objetos da Filosofia — como necessários, absolutos, incondicionados —, os coloca em posição oposta à natureza dos objetos das ciências empíricas — que são o aparente, o causal e contingente, o relativo, o condicionado, o incompleto —, como forma de mapear a possibilidade do conhecimento legítimo. A investigação crítica tem como centro a natureza dos instrumentos do conhecimento para determinar sua possibilidade. Portanto, dentre algumas das questões abordadas pela tradição crítica, destacamos que dada a natureza determinada dos objetos, que possibilitam o conhecimento, e que, dadas as limitações das faculdades humanas, é legítima e possível a pretensão da metafísica e da Filosofia de conhecer os objetos com natureza necessária (os fundamentos, causas primeiras, etc.)? As faculdades humanas conseguem conhecer os objetos da metafísica?

Em Kant, como consequência das faculdades do conhecimento humano serem dependentes das intuições de espaço-tempo e das categorias (possibilidade da experiência), se estabelece a legitimidade das ciências empíricas e a ilegitimidade da pretensão metafísica de conhecer objetos absolutos. Os objetos das ciências naturais podem ser conhecidos a partir das faculdades humanas, visto que aquelas respeitam as possibilidades da experiência, já os objetos da metafísica não estão nas possibilidades da experiência, conseqüentemente, não podem ser conhecidos desde as faculdades humanas. A conclusão de Kant é que, pelos instrumentos do conhecimento humano terem a natureza que têm, é ilegítimo ter a dita pretensão, pois desse modo o conhecimento ultrapassa o limite da experiência. As faculdades humanas, enquanto instrumentos usados para obter conhecimento, dependem da forma da experiência (do tempo e do espaço), conseqüentemente, é

impossível conhecer objetos que ultrapassam a experiência, como pretende a metafísica (até então).⁴

O que nos interessa, para o momento, é realizar uma leitura sobre o paralelo traçado por Luiz dos Santos Lopes entre a *Crítica da Razão Pura* e o *Tractatus*. No prefácio do livro, Wittgenstein (2020) reitera que sua pretensão é invalidar todos os problemas filosóficos, demonstrando que todos eles têm como fundamento o mau entendimento da lógica da linguagem. Ou seja, o problema não está relacionado a uma questão particular, mas endereçado a todos e quaisquer problemas filosóficos e todas as suas formulações. O problema está no propósito da representação dos objetos da Filosofia. Esse objetivo está alinhado à tradição crítica; pondo em análise a legitimidade do conhecimento (mais precisamente, do pensamento), seus limites, fundamentos e condições. No entanto, a realização dessa crítica, por Wittgenstein, se afasta do campo da reflexão exclusivamente ontológica ou epistemológica, contrário de como acontece em Kant, ao se aproximar, também, da tradição lógica.

A tradição lógica, por outro lado, se apropria de questões vinculadas à estrutura essencial do discurso proposicional. O discurso proposicional é aquele que enuncia o que o mundo é ou não é, verdadeiro ou falso. A proposição é uma frase que vincula elementos (nomes, signos simples) expressando uma posição (afirmação ou negação) sobre algum acontecimento do mundo. Um exemplo afirmativo é “A casa é amarela” e um negativo é “A casa não é amarela”. Das proposições sempre se segue uma resposta do mundo, no caso, se a casa é ou não é amarela, respondendo qual proposição é verdadeira e qual é falsa. A lógica é uma área da filosofia que pode ser resgatada desde Aristóteles, que visa o uso correto do raciocínio, evitando contradições e erros.

Nesse sentido, a lógica propõe um conjunto de regras e princípios, além do conhecimento da forma essencial do discurso e das relações lógicas para que o discurso seja válido. Por essa via, o discurso, então, preserva o sentido, fazendo com que este não caia em contradição, consideradas as determinações da lógica. Ou seja, a lógica serve como um instrumento que, ao conhecer a estrutura formal da

⁴ Ao direcionar a sua crítica à metafísica, Kant não estaria desconsiderando todas suas possibilidades de exercício, mas apontando para uma reformulação, pois, ao identificar que os objetos da metafísica não podem ser conhecidos pela razão, não se desconsidera a intenção de imaginá-los. Assim, a metafísica não estaria fadada ao fim, mas direcionada a novas possibilidades que consideram os limites do conhecimento humano adjunto às intenções humanas, como seria o caso, por exemplo, do *Tractatus* de Wittgenstein.

linguagem, auxilia no processo de organização e articulação das proposições. O mesmo vale para a expressão do pensamento, tendo em consideração que acontece desde o discurso, já que a expressão do pensamento se dá desde o discurso.

Além disso, alicerça a constituição da tradição lógica a constatação da natureza simbólica essencial do pensamento (proposição, discurso, linguagem) e, como consequência, a reflexão acerca das condições para haver representação. O que no símbolo é necessário para simbolizar o que simboliza? O que, na realidade, pode ser devidamente representado pelo discurso? Essas problematizações seguem reflexões acerca da natureza da linguagem e da realidade, pois, assim, haverá algum fundamento em suas naturezas que possibilite essa relação. Para que o mundo possa ser enunciado, algo já deve estar previsto na natureza da linguagem. Sendo assim, em Wittgenstein, se, de fato, o mundo pode ser representado pela linguagem então, a representação feita por ela deve respeitar os traços da estrutura do mundo. É assim que o filósofo chega à constatação de que a linguagem e o mundo compartilham uma mesma estrutura: se a linguagem consegue pronunciar, através da proposição, acontecimentos do mundo é porque as duas têm a mesma estrutura, a mesma forma. Essa teoria é conhecida como paralelismo ou isomorfismo logico-físico e constitui o fundamento do *Tractatus*. Por conseguinte, conhecer a estrutura da linguagem é essencial para determinar seus limites, já que é por meio desta estrutura comum que a linguagem pode se referir ao mundo.

Portanto, a crítica lógica de Wittgenstein (2020), atualiza, com a adequação da lógica, a crítica kantiana⁵. Essa última constrói, sob análise dos instrumentos do conhecimento humano, a subjetividade determinada pelas faculdades humanas, para então determinar os limites do conhecimento, concluindo a impossibilidade da metafísica como conhecimento. Já Wittgenstein, ao se adequar aos mesmos objetivos de Kant, propõe uma reflexão pela análise da constituição do discurso, sendo que por um lado a expressão do pensamento depende da linguagem, por outro, a linguagem tem as condições, para poder enunciar o mundo, determinadas pela lógica.

As faculdades do conhecimento humano, segundo Kant, determinam o limite do conhecimento por depender da forma da experiência. Por outro lado, para

⁵ Para mais informações acerca da relação entre estes dois autores, consultar: DIAS, Maria Clara. *Kant e Wittgenstein: os limites da linguagem*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Relume Dumará, 2000.

Wittgenstein, a linguagem, enquanto conjunto de todas as proposições, determina o limite da expressão do pensamento por depender da natureza essencial da proposição. É possível determinar quais pretensões do conhecimento e pensamento são legitimamente alcançáveis através das determinações dadas à linguagem. Então, pela constatação da natureza essencial da proposição, é possível determinar qual o alcance representativo da linguagem, quais suas condições, limites e fundamentos.

Sendo assim, a crítica de Wittgenstein se baseia na visão de que através da reflexão sobre a possibilidade de representação do mundo e de suas condições, se chega até as conclusões a respeito dos limites da expressão do pensamento. Como consequência, há uma alteração em relação ao campo em que a questão da legitimidade do conhecimento é tratada. Em vez de epistemológica, a reflexão se passa no campo lógico, desde a reflexão sobre a essência da proposição e sua capacidade de representar o mundo. Desde a forma da linguagem é que se pode determinar o limite da expressão do pensamento. No lugar de analisar a forma de conhecer, como fez Kant, Wittgenstein analisa a forma lógica da linguagem com a finalidade de inferir a própria possibilidade da representação discursiva.

1.2 Natureza Essencial da Proposição

A crítica arquitetada por Wittgenstein (2020) tem como base a investigação acerca da natureza da proposição. O limite da linguagem está diretamente ligado com a natureza que a proposição tem, e, também, pela definição desta é que se torna possível constatar a legitimidade de toda a linguagem, assim como seus limites e condições de possibilidade. Em vez de o conhecimento ser determinado pelas faculdades humanas (como no caso de Kant), em Wittgenstein a expressão do pensamento está determinada pela linguagem com seus limites dados pela natureza essencial da proposição na sua relação com o mundo. Dado que a proposição tem características essenciais próprias (necessárias para ser o que é), como consequência, a linguagem e a expressão do pensamento, tem os limites que têm. Para analisar a natureza essencial da proposição foi feito, neste trabalho, o uso da genética textual de modo a fundamentar a definição de Wittgenstein.

Por outro lado, é interessante analisar também a história da Filosofia e das influências que norteiam o desenvolvimento da teoria do *Tractatus*. A presente análise teve como base a introdução de Luiz Henrique Lopes dos Santos e como foco a natureza essencial da proposição. Desde Platão, em *Sofista*, é possível encontrar questionamentos sobre a representação, assim como a problematização desta, por exemplo, se ela é realmente possível ou não, reflexões sobre a conexão que deve haver entre a representação e o representado. Por essa perspectiva, pode-se questionar: o que deve haver no mundo e na linguagem para que ela consiga efetivamente representar aquele? Disso se segue também perguntas sobre a natureza da linguagem, da representação e da proposição. Pela via que adapta o discurso de Parmênides, há uma tentativa de desconsiderar o discurso falso como propriamente discurso, a proposição é verdadeira ou não é proposição. Essa perspectiva fundamenta-se através da máxima de Parmênides que indica que “o ser é e o não ser não é”.

Por essa perspectiva, entendemos então, que uma proposição só é, de fato, proposição se representa o mundo (se for verdadeira), caso represente o “não-ser” (fosse falsa) não pode ser considerada uma proposição. Essa conclusão causa problemas por não considerar a diferença fundamental entre duas categorias do discurso que, até então, é considerado falso pela posição que resgata Parmênides: uma delas é sobre aquele que apresenta uma articulação e a outra representa uma possibilidade da realidade que não se concretiza no mundo.

Para exemplificar resgato o exemplo dado por Luiz Henrique Lopes: “Sócrates foi músico”, a proposição faz sentido por ser uma articulação de palavras que representa uma possibilidade do mundo, é possível compreender o sentido e significado dessa frase, mesmo não sendo verdadeira, mesmo que, na verdade, Sócrates não tenha sido um músico. Diferente do discurso que não faz sentido [*Unsinn*] que não significa [*Bedeutung*], nem expressa nada. Por exemplo “Sócrates constitucionalmente todavia ou” que, por ser um amontoado de termos sem articulação, não tem um sentido, não é algo que poderia ter acontecido e não aconteceu, a proposição não tem sentido, não respeita o limite lógico das possibilidades de acontecimentos do mundo. É dizer, é impossível que algo assim aconteça no mundo justamente porque não significa, nem projeta nada. Ou seja, seguindo a conceptualização de Wittgenstein, trata-se de algo ilógico. Em

Wittgenstein essa diferença fundamental é dada por uma ter sentido [*Sinn*] e a outra não [*Sinnlos/Unsinn*], essa diferença fundamenta a investigação do *Tractatus*: o que tem sentido e o que não tem? Quais são as condições para ter sentido e quais são as condições para não ter?

Pelo comentário de Lopes dos Santos, vemos que a posição de Wittgenstein, sobre a teoria que resgata Parmênides, é que é um erro negar a possibilidade de as proposições serem tanto verdadeiras e quanto falsas, visto que para o austríaco esta é característica essencial da natureza da proposição, a bipolaridade. Pois, conforme o filósofo nisso que reside a definição do sentido, ou seja, na possibilidade de significar, da proposição, desatrelada à ideia de veracidade ou compatibilidade com o mundo. Em última instância, o sentido se determina pela articulação das relações dos objetos (estado de coisas [*Sachverhalt*]⁶) na proposição. A independência do sentido em relação à veracidade da proposição é comum tanto a Wittgenstein, quanto a Frege e Russell.

A caracterização da verdade ou falsidade da proposição depende do sentido da proposição, independente da caracterização em si. Assim, mesmo quando uma proposição não representa algo da realidade, ela pode significar algo e ter sentido ao expressar uma possibilidade da realidade. A relação que a proposição tem com a realidade de simbolizar, sem se referir diretamente a algo no mundo, é inicialmente pré-estruturada no *Sofista* por Platão. Mais tarde, Aristóteles compõe a tese vinculando a ideia de proposição a duas características essenciais: sua complexidade essencial, ao ser composta por partes; e sua possibilidade de ser tanto verdadeira quanto falsa e de assumir uma forma afirmativa ou negativa. A partir disso, chamaremos nesse trabalho, esta segunda característica essencial da proposição, de bipolaridade. Dada essa caracterização da natureza da proposição elaborada por Aristóteles, veremos que, segundo o comentário de Luiz Henrique dos Santos, Wittgenstein toma posse dessa mesma definição como natureza essencial da linguagem, por a linguagem ser a totalidade das proposições, o austríaco conduz isso levando essa tese a outras consequências como a determinação de um limite para a linguagem.

⁶ Estado de coisas é uma relação entre objetos, estados de coisas são conjuntos de relações entre objetos.

A bipolaridade, característica essencial da proposição, se dá primeiro pela necessidade de uma proposição valorizar uma posição em detrimento da contrária em relação a um sentido. Ou seja, a proposição deverá tomar uma de duas posições possíveis em relação àquilo que expressa, será ou uma afirmação ou uma negação. Por exemplo “o livro está na estante” ou “o livro não está na estante”. Essas duas expressões têm o mesmo sentido [*Sinn*], pois se referem a mesma coisa, a diferença está na posição (afirmativa ou negativa) em relação ao acontecimento. Sendo assim, em relação à proposição com sentido, sempre haverá essas duas possibilidades de expressão de um mesmo sentido, onde uma corresponderá ao acontecimento do mundo e será verdadeira. Já a outra apesar de ter sentido [*Sinn*], por expressar uma possibilidade da realidade, e suas partes terem significado [*Bedeutung*], ao se referir a objetos do mundo, será uma proposição falsa. Seguindo o mesmo exemplo:, se no mundo o livro a que me refiro realmente está na estante, então, a primeira proposição será verdadeira e a segunda será falsa.

No entanto, o caso também poderia ser o oposto e o livro estar em outro lugar que não na estante, conseqüentemente, a primeira proposição que afirma o sentido seria falsa e a negação do sentido seria verdadeira. Independente de qual fosse o caso, para que a proposição seja, de fato, uma proposição legítima esta não poderia fugir a essas duas possibilidades, por isso sua natureza é bipolar. Sem fugir dessas duas possibilidades, a proposição tem essencialmente uma natureza bipolar: verdadeira ou falsa, afirmativa ou negativa. Essa caracterização assume a compreensão da proposição como escolha, em que se escolhe uma posição entre duas, ou o sentido é afirmado, ou negado.

4.023 A realidade deve, por meio da proposição, ficar restrita a um sim ou não.

Para isso, deve ser completamente descrita por ela.

A proposição é a descrição de um estado de coisas.

Como a descrição de um objeto o descreve pelas propriedades externas que ele possui, a proposição descreve a realidade pelas propriedades internas que possui.

A proposição constrói um mundo com a ajuda de uma armação lógica, e por isso pode-se muito bem ver na proposição como esta, se ela for verdadeira, tudo que seja lógico. Podem-se *tirar conclusões* de uma proposição falsa. (WITTGENSTEIN, 2020,p.159)

Caracterizar a proposição como bipolar é entender que a essência da representação proposicional reside nessa escolha, no privilégio que por

meio da proposição se atribui a um dos polos de uma alternativa em prejuízo do outro. (SANTOS, 2020, p. 20)

Com isso, não se pode deixar de lado a importância do sentido [*Sinn*], por ser independente da verdade ou dos acontecimentos do mundo, é que preserva o caráter informativo da proposição, possibilitando a relação da linguagem com a realidade. É por ter sentido que a proposição consegue representar a realidade. Ao mesmo tempo, a possibilidade de se afirmar ou negar independentemente do acontecimento referido, é o que dá a proposição um sentido. Além disso, resgatando a outra característica essencial, a complexidade essencial da proposição está diretamente ligada com o sentido [*Sinn*] e o significado [*Bedeutung*], visto que a representação proposicional combina os símbolos através de uma relação com a realidade. Sendo assim, Wittgenstein afirma que “3.23 O postulado da possibilidade dos sinais simples é o postulado do caráter determinado do sentido” (2020,p.143). A relação da proposição com a realidade se dá pela afiguração dos objetos, resultando nos signos simples, e, então, a disposição dos simples em determinadas posições conduz o sentido, formando a proposição. A afiguração dos fatos leva às proposições. Wittgenstein escreve:

2.1 Figuramos os fatos.

2.11 A figuração representa a situação no espaço lógico, a existência e inexistência de estados de coisas.

2.12 A figuração é um modelo da realidade.

2.13 Aos objetos correspondem, na figuração, os elementos da figuração.

2.131 Os elementos da figuração substituem nela os objetos.

2.14 A figuração consiste em estarem seus elementos uns para os outros de determinada maneira. (WITTGENSTEIN, 2020, p.135)

Os fatos do mundo são compostos por elementos, consequentemente, a proposição que os representam, também. Visto que a possibilidade da linguagem, de se referir a realidade, se dá por compartilharem a mesma estrutura, assim os elementos do mundo são espelhados na linguagem como signos simples, os acontecimentos são espelhados como proposições. Portanto, a natureza essencial da proposição, tanto em Aristóteles quanto em Wittgenstein, se dá por duas

características: a bipolaridade e a complexidade. Essa constatação terá como consequência tanto os limites da linguagem, como sua legitimidade e suas condições.

CAPÍTULO 2- REALIDADE E LINGUAGEM

Nessa seção do trabalho, o objetivo é resgatar tudo que for necessário para a interpretação do problema que fundamenta o *Tractatus*, este é a relação entre a realidade e a linguagem. Referenciando o livro de forma mais compromissada, construindo a base dessa pesquisa para tratar do significado do Silêncio desde a compreensão de toda a obra. Assim, neste momento, traçaremos a relação realidade e linguagem para analisar seus problemas, suas naturezas e condições de possibilidade desde a teoria de Wittgenstein. Esse processo está ligado não só à leitura da obra, mas também há a consideração da interpretação de Margutti Pinto em *Iniciação ao Silêncio: Análise do Tractatus de Wittgenstein*.

2.1 Mundo e Realidade

O mundo, segundo Wittgenstein, não poderia ser exprimido apenas pelos objetos que o constituem, visto que sua determinação depende das relações que os objetos articulam entre si. Isso pode ser exemplificado através das próprias palavras: “1.2 O mundo resolve-se em fatos” (WITTGENSTEIN, 2020, p.129). Ou seja, uma abordagem que analisa o mundo, considerando apenas os seus objetos, é incompleta, pois o objeto, para Wittgenstein, não existe de forma independente. Consequentemente, a “constatação” da existência do objeto, por si só, se quer representa a sua existência real ou caracteriza uma informação sobre o mundo. Essas relações, das quais necessariamente os objetos fazem parte, são por ele nomeadas como estados de coisas [*Sachverhalten*]. Comprovando isso Wittgenstein diz: “2.01 O estado de coisas é uma ligação de objetos (coisas)” (ibidem).

Mesmo que o mundo não possa ser exprimido apenas pela representação de seus objetos, é importante dizer que eles têm uma tarefa fundamental na constituição do mundo como condição de possibilidade dos estados de coisas [*Sachverhalten*] e da afiguração [*Abbildung*] delas. Uma vez que o objeto é a substância, e a partir disso, sendo o fixo, é que o mundo pode ser mutável. Nesse sentido, através das relações desses objetos, é que os estados de coisas poderão ser variáveis e instáveis. Assim, deve o objeto participar de algum estado de coisas

[*Sachverhalt*], mas variam os estados de coisas dos quais cada um fará parte. Não faz diferença para a constituição do mundo, não muda a sua estrutura, quais relações este objeto tem com quais outros objetos, mas para existir este precisa participar de relações.

Um exemplo que demonstra o que é o estado de coisas e o porquê da necessidade de o objeto fazer parte deste é: um pedaço de carvão pode ser usado para escrever em papel, em outro caso, ele pode ser usado para acender uma fogueira. Assim, independe, para existir o carvão, quais as relações esse pedaço de carvão tenha, pois, são todas acidentais. Ou seja, tudo que acontece é acidental “1.21 Algo pode ser o caso ou não ser o caso e tudo mais permanecer na mesma” (WITTGENSTEIN, 2020, p.129). Mesmo assim, por existir, necessariamente ele participa de algum estado de coisas, como, por exemplo, ser parte de uma rocha que não foi minerada, mantendo uma relação com outros objetos independente de qual seja a relação (2020: 2.011⁷). Para Wittgenstein, algo só existe de fato enquanto se relaciona com outros objetos, enquanto participa de estados de coisas. É impossível que o objeto seja parte do mundo de forma independente.

Wittgenstein define a realidade como tudo o que existe no mundo e, também, aquilo que não existe, mas é uma possibilidade. Em outras palavras, a realidade é tudo o que tem sentido [*Sinn*] sendo verdadeiro ou não (2020: 2.06). O sentido aponta para uma possibilidade de relação entre objetos, independentemente da forma que esses objetos referidos se relacionam concretamente no mundo. O mundo é determinado pelos fatos verdadeiros, pelas concatenações de objetos que se realizam, mas a realidade, além de englobar o mundo, também abarca os fatos falsos que simulam possibilidades que ultrapassam a ocorrência no mundo, mas não os seus limites. Isto é, dentro da realidade cabem todas as possibilidades de concatenações desde que respeitem as condições análogas às proposições com sentido. O mundo se exprime pelos fatos que acontecem concretamente, por outro lado, a realidade é equivalente a totalidade dos fatos possíveis.

⁷ Como o texto de Wittgenstein está dividido em um sistema de aforismas numerados, logo, o próprio texto sugere uma forma de referência às suas partes. Assim, “2020:2.011” se refere ao ano da edição usada do *Tractatus Logico-Philosophicus*, 2020, e em segundo lugar a numeração dada ao aforisma do *Tractatus* a que o texto faz referência, no caso “2.011”. Essa notação é usada em todo trabalho de comentário dedicado ao *Tractatus*.

2.2 Afiguração e Estrutura

Tendo em consideração essas definições de mundo e realidade, veremos o processo que torna possível a representação de ambos. A linguagem deriva de um processo chamado afiguração [*Abbildung*] — que consiste na simbolização de relações entre elementos do mundo. A proposição afigura os acontecimentos do mundo.

Com isso, veremos que a afiguração de um estado de coisas [*Sachverhalt*] tem como resultado a formação de proposições elementares, que derivam de combinações lógicas de signos simples (que designam objetos simples). Em outras palavras, a partir da nomeação de objetos do mundo, os chamados nomes simples, a linguagem consegue representar as relações entre os objetos, desde as proposições. As proposições são articulações de nomes simples que afiguram um sentido. Sendo assim, esse processo consiste em construir um modelo para a realidade, representando tanto fatos positivos (verdadeiros) quanto fatos negativos (falsos), já que a realidade engloba ambos.

É interessante ressaltar a importância da estrutura que se expressa nos estados de coisas [*Sachverhalten*], pois, é somente a partir da figuração [*Bild*] das relações que é possível representar o mundo. Tendo em vista que os objetos não podem ser afigurados [*Abbildung*] fora de relações com outros, pois os nomes só tomam significados [*Bedeutungen*] dentro de concatenações que expressam essas relações. Os nomes só têm significado ao fazerem parte de proposições com sentido [*Sinn*]. Nas palavras de Wittgenstein:

“2.15 Que os elementos da figuração estejam uns para os outros de determinada maneira representa que as coisas estão umas para as outras.

Essa vinculação dos elementos da figuração chama-se estrutura; a possibilidade desta, sua forma de afiguração.

[...] 2.1511 É assim que a figuração se enlaça com a realidade; ela vai até a realidade.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 137).

A estrutura é fator determinante na possibilidade de construção de representações, somente com a condição desta é possível haver significação, fazendo o papel de ligar a figuração ao afigurado. Considerada a problematização,

que faz parte da tradição lógica, da indeterminação da possibilidade de dizer coisas do mundo, sendo que, desde Górgias, palavras e coisas já são consideradas duas naturezas diferentes. Ou seja, para que as palavras possam ser usadas para se referir ao mundo, de maneira legítima, é necessário determinar qual a justificativa que possibilita essa relação. Assim, a questão que devemos abordar é: “o que faz com que a linguagem possa ser compatível com o mundo e descrevê-lo?”.

Para resolver este problema, Wittgenstein (2020) determina que para haver afiguração [*Abbildung*] deve se preservar algo em comum que conecte a figuração [*Bild*] ao mundo, este algo é a estrutura [*Struktur*]. Sendo assim, a estrutura é o que há de comum entre o símbolo e o simbolizado, em um plano de referência. E, a partir disso, estes dois se conectam mutuamente. Cito: “2.16 O fato, para ser uma figuração, deve ter algo em comum com o afigurado” (WITTGENSTEIN, 2020, p.137). A figuração depende da forma de afiguração [*Form der Abbildung*], que concede a possibilidade da figuração e do afigurado estarem vinculados.

No entanto, a forma não pode ser afigurada [*Abbildung*], ao ser condição de toda afiguração, sendo assim, a forma só se mostra nas figurações, não é e nem pode ser representada por ser “quem” realiza a representação, cito: “2.171 A figuração pode afigurar toda realidade cuja forma ela tenha [...] 2.172 Sua forma de afiguração, porém a figuração não pode afigurar, ela exhibe.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 137). Sendo que a forma da afiguração necessariamente participa da figuração esta se mostra, a forma se exhibe na figuração, por mais que não possa ser efetivamente representada ou determinada. A forma articula as relações para que estas sejam representadas, logo, participa da figuração, essa articulação feita desde os parâmetros da forma de afiguração se mostra na proposição, por mais que não seja propriamente figurada.

A forma de afiguração [*Form der Abbildung*], mais especificamente a forma lógica (*logische Form*) que equivale à forma da realidade (*Form der Wirklichkeit*) (2020: 2.18), é a condição de possibilidade da figuração [*Bild*] (2020: 2.18). Sendo a condição de possibilidade do processo de afiguração, ela não pode ser afigurada, mesmo assim, ela se mostra nas figurações, porque necessariamente faz parte destas. A estrutura lógica é a forma da afiguração e não uma relação entre objetos.

A estrutura lógica arquiteta as relações possíveis entre os objetos, sendo assim, não é descritível ou representável.

Tendo em consideração que uma figuração tem como condição, segundo a própria forma lógica (*logische Form*), os objetos e a possibilidade de existência da relação representada no mundo, vale salientar que, pela determinação da estrutura lógica, é impossível que uma “forma” sem objetos exista no mundo. A estrutura lógica prevê e determina todas as possibilidades de acontecimentos, logo, tendo em consideração a relação isomórfica entre a realidade e a linguagem, as possibilidades das proposições também estarão previstas. Sendo assim, considerando que em acontecimentos do mundo uma “forma” não pode ser separada de objetos, consequentemente o mesmo valerá para as representações feitas por proposições. Portanto, não faz parte do que é determinado pela estrutura lógica, não tem sentido, o discurso que tem a intenção de representar condições formais da linguagem, considerando que a forma não pode ser separada da substância, além de que o discurso já estaria determinado pelas condições formais que pretende representar. Portanto, é impossível afigurar a forma lógica:

“4.12 A proposição pode representar toda a realidade, mas não pode representar o que deve ter em comum com a realidade para poder representá-la — a forma lógica. (WITTGENSTEIN, 2020, p.167)

Há distintas categorias de formas de afiguração (Espacial, colorida, etc.), mas toda figuração depende da forma lógica (*logische Form*) para se referir à realidade, visto que é o vínculo comum entre ambas as naturezas: linguagem e realidade. Logo, como a representação precisa ter em comum algo com o que é representado, este algo é a forma lógica. Confirmando isso: “2.2 A figuração tem em comum com o afigurado a forma lógica de afiguração” (WITTGENSTEIN, 2020, p.139). A forma lógica é, portanto, equivalente à forma da realidade.

Consequentemente, “figurações” que desrespeitam a forma lógica são incapazes de descrever a realidade. Sem desconsiderar que a representação poderá ser acerca de um estado de coisas [*Sachverhalt*] que acontece no mundo ou que faz parte da realidade (uma possibilidade do mundo). A saber, para que a figuração seja

caracterizada como verdadeira ou falsa é necessário consultar o mundo, pois, essas categorias não são inatas à representação, logo, não podem ser identificadas desde a figuração sem uma verificação pela experiência empírica. O austríaco expressa essa relação em: “2.223 Para reconhecer que a figuração é verdadeira ou falsa, devemos compará-la com a realidade.” (WITTGENSTEIN, 2020, p.139). Logo, não é possível determinar se um estado de coisas [*Sachverhalt*] acontece no mundo sem consultar o mundo, a experiência é a única forma de dizer se uma proposição é verdadeira ou falsa.

O processo de afiguração [*Abbildung*] lógica tem como resultado a expressão do pensamento, visto que este último é uma representação proposicional de uma relação possível do mundo. Além disso, a expressão do pensamento tem como condição de possibilidade para projetar a realidade a forma dada pela estrutura lógica. Wittgenstein determina isso em: “3. A figuração lógica dos fatos é o pensamento” (2020, p. 139). Aquilo do pensamento que pode ser expresso nada mais é que possibilidades de relações do mundo afiguradas. Isso acontece porque a expressão, ao se dar pela linguagem, é incapaz de desrespeitar as leis lógicas, é dizer, formar concatenações que não seguem as determinações da forma lógica do com sentido. Não podem ser sem sentido [*Sinnlos*] ou contrassensos [*Unsinn*]. Na verdade, a expressão do pensamento já está pré-determinada pela lógica, pois se dá pela linguagem, conseqüentemente, tem a estrutura lógica como fundamento. Assim, os limites da expressão do pensamento são os mesmos dos da linguagem. Por isso que uma análise crítica de Wittgenstein do pensamento se dá desde a linguagem e é lógica.

“3.02 O pensamento contém a possibilidade da situação que ele pensa. O que é pensável é também possível.

3.03. Não podemos pensar nada de ilógico, caso contrário, deveríamos pensar illogicamente.” (WITTGENSTEIN, 2020, p.139)

2.3 Sentido e Significado

Disso segue-se que, de acordo com Wittgenstein, a proposição nada mais é que a expressão ou projeção sensível do pensamento (2020:3.1). Assim, da mesma forma que a proposição, a expressão do pensamento é resultado de uma articulação de elementos, sendo que, está diretamente ligada a um estado de coisas [*Sachverhalt*]. Além disso, independe da sua projeção, desde que não se perca a ligação com a realidade. Ou seja, a expressão do pensamento, ao se dar pela proposição, precisa ter em consideração a forma lógica, tratando das possibilidades do mundo. A proposição é a articulação dos elementos da projeção, o sinal proposicional é a expressão da projeção. A proposição, retomando (a segunda parte da segunda seção deste trabalho, p. 19), tem como natureza essencial a complexidade, isso significa que ela é formada pela articulação de representações dos elementos do mundo, os nomes ou sinais simples que correspondem aos objetos (2020: 3.2 – 3.203). “3.22 O nome substitui, na proposição, o objeto” (WITTGENSTEIN, 2020, p.143).

Os objetos simples não podem ser explicados ou enunciados, apenas nomeados e substituídos. Há uma diferença fundamental entre explicar o “o que” o objeto é e, por outro lado, dizer “como” ele é. É impossível explicar o que, exatamente, o objeto é, apenas é possível dizer “como” este é. Isto é, não é possível determinar a natureza do objeto, só se pode dizer como este se relaciona com outros objetos.

As informações que temos dos objetos são apenas as articulações que fazem com outros objetos, por exemplo: não podemos definir o que é “carvão” por si só, este pode ser usado para escrever em papel e mostrar certo significado [*Bedeutung*] “material que escreve”, também pode ser usado para acender uma fogueira, então, a relação do carvão com o fogo trará ao carvão um novo significado “material combustível”. Assim vemos que o carvão terá um significado [*Bedeutung*] em cada caso, determinado por quais relações fará parte. Esses exemplos mostram o “como”, não o “o que”, por isso que unicamente o nome não diz nada, não agrega informações, o objeto só existe dentro de relações e só as relações podem ser descritas. Com isso, o nome sozinho não traz nenhum conhecimento ou informação, apenas dentro de uma proposição, em uma concatenação que exprime significado

[*Bedeutung*] pelo sentido [*Sinn*]. “3.3 Só a proposição tem sentido, é só no contexto que um nome tem significado.” (WITTGENSTEIN, 2020, p.145). O nome, por si só, não pode se referir ao objeto, é apenas por ser parte da proposição que projeta um estado de coisas [*Sachverhalt*]. Ao ter a mesma estrutura a proposição poderá afigurar relações entre os objetos. Só então, ao ser elemento da proposição, que o nome tem como significado o objeto.

Ao analisar a constituição da proposição nos deparamos com o conceito de expressão, esta é a parte que caracteriza o sentido. Com isso, a expressão é a forma geral da proposição, ela carrega tudo que é comum a todas as proposições, tudo que for necessário para que a proposição seja o que é. A expressão se define pela natureza constante da proposição, enquanto o resto será variável, convenções arbitrárias. É a parte necessária da proposição, o que não pode mudar, pois, é a parte que faz possível que a proposição tenha sentido. Assim sendo, a expressão é a própria forma lógica, poderíamos dizer que é um protótipo de figuração que assegura o que é essencial para haver sentido para a proposição. A expressão é a parte constante da proposição, enquanto o resto será variável (2020: 3.31-3.315).

É necessário, para ser proposição, que ela expresse uma relação pela forma lógica, isto é, apenas importa que a proposição expresse algo (sobre relações entre objetos). Por outro lado, nos deparamos também com a outra parte da proposição, a variável proposicional. Trata-se dos sinais cujos valores são fixados sem uma relação essencial, ou seja, estes são produto de uma atribuição arbitrária de sinais a significados (2020:3.316-3.317). Os sinais usados para se referir aos objetos do mundo são designados de forma arbitrária, por isso que se pode denotar a mesma coisa com sinais diferentes (por exemplo: ele, Leonardo, he, el, etc).

Para concluir essa ideia, a proposição é composta por uma parte necessária (a expressão) e outra variável (os sinais): para a proposição o sentido é necessário, sendo assim, a expressão, por ser a parte que assegura o sentido, é necessária. Em contraposição, é variável a forma que o sentido será simbolizado, ou seja, não é necessária. Isso inclui em qual língua tal proposição será expressa, qual nome será usado para indicar qual objeto, se os sinais serão oralizados, sinalizados ou escritos, etc.

Na sintaxe lógica, visto que o sinal deriva de um processo arbitrário, desatrelado a qualquer necessidade ou natureza da proposição, não interessa seu significado [*Bedeutung*]. Ou seja, os sinais simples não têm significados [*Bedeutungen*] fora das proposições e, nesse caso, devemos considerar, então, que as regras notacionais não devem estar ligadas aos signos. Não é o signo sozinho que denota o objeto, por isso, as regras notacionais estão ligadas à expressão e ao sentido. A linguagem tem a realidade como referência, a referência não é realizada desde o sinal, uma vez que é feita pela forma lógica. Por assim dizer, esta só se dá na proposição, pois o nome não tem significado por si mesmo, ou seja, por essa perspectiva o nome sozinho não diz nada.

Segundo Lopes dos Santos, para Wittgenstein esse foi o erro de Russell. Este último acreditava que o sentido da proposição era um complexo constituído do significado de suas partes, diferente de Wittgenstein que compreende que as partes só tomam significado [*Bedeutung*] no sentido. Essa posição de Russell, o leva a consequências como a noção de que não seria possível conseguir por meio da negação de uma proposição falsa chegar a uma verdadeira. Como seria o caso de: se é mentira que o dia está ensolarado, então, o dia não está ensolarado, assim, esta sequência de raciocínio seria descartada por Russell.

A posição de Russell é tomada dando um suposto privilégio ontológico ou epistemológico a posições verdadeiras. No entanto, pela crítica de Wittgenstein é possível inferir que não tem nenhum respaldo lógico ou epistemológico nessa atribuição, além de levar a problemas lógicos (SANTOS, 2020, p. 43). Assim como a verdade da proposição não pode ser inferida sem que haja a verificação pela experiência, da mesma forma, não se pode dar um valor ontológico à verdade, já que ela não é determinável à ‘*priori*’. A verdade, para Wittgenstein, é mutável, por isso, a proposição é necessariamente bipolar. Sendo bipolar, pode ser afirmada ou negada sem mudar seu sentido.

Por outro lado, o texto de Russell, *Theory of types*, é relevante ao constatar algo fundamental. Assim como em Russell e Frege, Wittgenstein compreende a proposição como função das expressões nela contidas. Nesse sentido, o mérito dado a Russell vem da constatação de que assim como a função não pode ser parte dela mesma, a proposição não pode ser elemento dela mesma, ou seja, não pode

dizer nada dela mesma. Por exemplo, a frase “esta frase tem seis palavras”, a princípio pode ser considerada falsa, visto que a frase tem apenas cinco palavras, o que implicaria, dada a natureza bipolar da proposição, que sua negação seria verdadeira “esta frase não tem seis palavras”, mas, pelo processo de negação, a proposição passa a ter seis palavras criando um paradoxo em que a proposição e a negação da proposição são ambas falsas. Russel resolve o problema de paradoxos desse tipo indicando que a proposição não pode referir-se a si mesma. Na função a função não pode ser um elemento dela mesma, as proposições, na verdade, não são falsas, são contrassensos [*Unsinn*]. Cito:

“3.332 Nenhuma proposição pode enunciar algo de si mesma, pois o sinal proposicional não pode estar contido em si mesmo (isso é toda a Theory of Types).” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 151)

Assim conclui-se que além de traços essenciais da proposição que garantem a possibilidade que esta tenha sentido, há também os traços chamados casuais da proposição alinhados às particularidades que envolvem a criação do sinal proposicional, ou melhor, dos símbolos que o compõem. (2020: 3.34). Os traços causais se diferenciam dos essenciais visto que, pela análise lógica, constatamos que, não há nada de essencial no nome, já que o sentido é independente destes, além de tomarem somente significado na proposição. Mesmo assim, a importância da possibilidade dos símbolos não pode ser descartada.

“3.343 Um modo particular de designação pode não ter importância, mas é sempre importante que seja um modo possível de designação. E isso se dá na filosofia em geral: o singular mostra-se repetidamente como algo sem importância, mas a possibilidade de cada singular nos ensina uma lição sobre a essência do mundo. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 153)

Wittgenstein diferencia proposições com sentido [*Sinn*] das que não o tem [*Sinnlos/Unsinn*] pela capacidade de determinar um lugar no espaço lógico. O lugar lógico expressa a possibilidade da existência de um estado de coisas [*Sachverhalt*], ou melhor, de todos eles. “3.41 O sinal proposicional e as coordenadas lógicas: isso é o lugar lógico.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 153). Toda proposição com sentido, que

se refere a alguma possibilidade do mundo, o faz indicando um lugar no espaço lógico. A estrutura lógica e o sinal proposicional indicam o espaço lógico em que se encontra a proposição. É por determinarem as mesmas coordenadas lógicas que as relações entre os objetos são efetivamente representados pela proposição, é como o vínculo entre os objetos e nomes são estabelecidos, dando a possibilidade à linguagem de descrever o mundo.

Uma proposição que indica um lugar lógico, é dizer, uma proposição com sentido é o próprio pensamento para Wittgenstein. Além disso, a totalidade de tudo o que pode ser dito com sentido é a definição da linguagem. “4. O pensamento é a proposição com sentido 4.001 A totalidade das proposições é a linguagem” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 155). É necessário se atentar que, mesmo conseguindo dizer coisas com sentido através da linguagem, provavelmente ainda assim não se entenda realmente o funcionamento da lógica da linguagem. A linguagem natural camufla a forma lógica, o próprio pensamento. A linguagem é criada com uma finalidade totalmente diferente de conhecer a forma do pensamento. Disso que se deriva a maioria dos problemas da filosofia, de não entendermos a lógica da linguagem. Segundo Wittgenstein:

4.002 O homem possui a capacidade de construir linguagens com as quais se pode exprimir todo sentido, sem fazer ideia de como e do que cada palavra significa — como também falamos sem saber como se produzem sons particulares.

A linguagem corrente é parte do organismo humano, e não menos complicada que ele.

É humanamente impossível extrair dela, de modo imediato, a lógica da linguagem.

A linguagem é um traje que disfarça o pensamento. E, na verdade, de um modo tal que não se pode inferir, da forma exterior do traje, a forma do pensamento trajado; isso porque a forma exterior do traje foi construída segundo fins inteiramente diferentes de tornar reconhecível a forma do corpo.

Os acordos tácitos que permitem o entendimento da linguagem corrente são enormemente complicados. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 155)

Com o conceito de linguagem corrente Wittgenstein se refere às proposições que não passam por uma análise lógica, é dizer, é a linguagem como fonte de erro pela falta de entendimento da lógica. Esta não tem a preocupação, expressa pelos filósofos analíticos, de conferir sentido [*Sinn*] e significado [*Bedeutung*] no que é dito.

Em outras palavras, é toda linguagem que não passa por um processo de autocrítica e autoavaliação do seu significado e sentido. Da linguagem corrente, ou também chamada natural, por si só não, é possível inferir diretamente o entendimento da lógica, além de que o atenua, visto que, “disfarça” a forma do pensamento ou a forma lógica da linguagem. As palavras são usadas para exprimir sentido e significado [*Bedeutung*], mesmo sem se saber como estas são capazes de se referir a algo ou do que depende o sentido. Essa é a raiz dos problemas da filosofia, o mau entendimento do funcionamento da linguagem. Assim sendo, as proposições filosóficas não são falsas, mas contrassensos [*Unsinn*]. Isso acontece ao serem usados termos sem referência [*Bedeutungslos*], expressando relações impossíveis.

Para o filósofo, o erro da filosofia é se colocar ao lado das ciências naturais, estas últimas têm como papel enunciar o mundo e suas relações, mas a filosofia deverá ter outra finalidade que não envolve um caráter descritivo. “4.111 A filosofia não é uma das ciências naturais. (A palavra “filosofia” deve significar algo que esteja acima ou abaixo, mas não ao lado das ciências naturais)”. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 167). Enquanto as ciências naturais utilizam ou criam as proposições verdadeiras que enunciam os acontecimentos do mundo, a filosofia não é capaz de fazer o mesmo. A filosofia é avaliativa, não tem valor descritivo. Somente as ciências naturais enunciam os acontecimentos do mundo, a elas são reservadas todas as proposições verdadeiras. “4.11 A totalidade das proposições verdadeiras é toda ciência natural (ou a totalidade das ciências naturais)” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 165). O ato de enunciar os fatos não cabe à filosofia, sua finalidade é a análise lógica das proposições. A filosofia é incapaz de representar efetivamente o mundo, quando há essa intenção a mesma cai em erro por não conseguir endereçar seus enunciados a objetos e estados de coisas [*Sachverhalten*] do mundo.

Sendo assim, o dever da filosofia não é a criação de teorias, mas uma atividade [*Tätigkeit*] constante de análise lógica. Seu objetivo é o esclarecimento lógico do pensamento (2020: 4.112). Com isso, para Wittgenstein, a filosofia tem o papel de delimitar os limites do conhecimento possível para as ciências naturais, diferenciando o que possui /tem sentido [*Sinn*] e significado [*Bedeutung*] do que não – sem sentido [*Sinnlos/Unsinn*] e/ou sem significado [*Bedeutungslos*].

A legitimidade, referente ao uso correto da linguagem, é dada pela filosofia. Tendo em vista que a filosofia é uma atividade de clarificação, é desde a consideração das condições da proposição para se referir à realidade (forma lógica e a conotação aos objetos) que se identifica a presença ou ausência de erros de linguagem. Apenas até aí vai o exercício da filosofia, visto que, tanto a própria forma lógica não pode ser representada pela proposição, quanto o “o que são os objetos” não pode ser definido dentro da linguagem — para além da substituição destes por nomes. Consequentemente, nem mesmo a filosofia pode ser representada de forma descritiva.

Para Wittgenstein a filosofia não deve ser uma teoria, mas uma atividade. A tarefa da filosofia é apenas mostrar o que faz sentido e o que não tem sentido, assim como a proposição mostra a forma lógica da realidade, mas não pode dizê-la. “4.1212 O que pode ser mostrado não pode ser dito” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 169). A filosofia segue a mesma lógica ao se mostrar por meio do esclarecimento lógico, mas não pode ser dita, já que não segue as determinações da natureza essencial da proposição. O dizer está reservado a áreas do conhecimento relativas à enunciação do mundo, as ciências naturais, por outro lado, a caracterização da constituição da realidade da qual se dedica a filosofia não pode ser dita, só pode ser mostrada desde a atividade de análise da linguagem.

A proposição é necessariamente uma figuração da realidade, entendê-la é equivalente a apontar a situação que esta representa, ela mostra seu sentido, sem ser possível a explicação deste. O sentido da proposição é atribuído por manter a relação com a realidade, por preservar a forma lógica, cito: “4.2 O sentido da proposição é sua concordância e discordância com as possibilidades de existência e inexistência dos estados de coisas.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 177). A proposição está sempre vinculada a uma situação da realidade, por assim dizer, tem sentido. Mesmo assim, independe de se a situação se concretizar no mundo. Paralelamente, para ter sentido [*Sinn*], é necessário para a proposição que cada uma de suas partes co-notem objetos do mundo, se uma proposição possui partes, signos simples que não possuem significado [*Bedeutung*] então a proposição não terá sentido [*keinen Sinn*] (2020: 5.4733), mesmo que o acontecimento afigurado pela proposição não precise acontecer no mundo para manter uma relação de paralelismo com a

realidade. A causa disso é que a proposição tem sentido ao estar referida as possibilidades antecipadas pela forma lógica. Visto que esta última constitui a estrutura comum da realidade e da linguagem, possibilitando esta relação projetiva de uma à outra. No entanto, a proposição não precisando ser uma figuração do mundo para manter sentido, o mundo sempre terá uma resposta à situação a que se refere à proposição: verdadeira ou falsa.

Por exemplo, tomemos a proposição “a flor murchou”, esta possui sentido visto que, além de cada uma de suas partes terem significado [*Bedeutung*], esta, também, retrata uma possibilidade de acontecimento do mundo. Sendo assim, ao ser analisada é definido que ela possui sentido e relação com a realidade, assim como, ao ter contato com o mundo, por meio da experiência, há uma verificação sobre a veracidade dessa proposição: se de fato a flor murchou e a proposição é verdadeira, ou se, pelo contrário, não murchou e a proposição é falsa. Sendo essa verificação impossível desde uma análise simplesmente lógica, a verdade não é determinável a ‘priori’. Por essa espécie de análise só se constata se há sentido ou não.

Além do mundo ter uma posição em relação à proposição, a proposição sempre terá uma posição em relação ao sentido: afirmação ou negação. Expressando a bipolaridade da proposição (verdade e falsidade/afirmação e negação). Por exemplo: “a flor é azul” é um caso de proposição afirmativa, por outro lado, conservando o mesmo sentido “a flor não é azul” é uma proposição negativa. Ambas têm os mesmos significados [*Bedeutungen*], ao se referirem aos mesmos objetos, tem o mesmo sentido, ao terem o mesmo predicado, mas apresentam posições diferentes. A depender da cor que seja a flor referida uma delas será falsa e a outra verdadeira. Caso a flor seja azul a primeira proposição, a afirmativa, é a verdadeira e a segunda, a negativa, será falsa. A outra possibilidade é que a flor seja vermelha, fazendo com que a proposição afirmativa seja falsa e a negativa verdadeira.

Esta é a bipolaridade característica da natureza essencial da proposição: a proposição estar referida a estados de coisas [*Sachverhalten*] da realidade em termos afirmativos ou negativos, cuja veracidade ou falsidade será constatada a partir da verificação empírica. O sentido está articulado de tal forma com a realidade

que necessariamente sua afirmação ou sua negação deverá ser verdadeira, mas somente uma delas. É nisso que se baseia o princípio que fundamenta a lógica, o “princípio de não contradição”. Não se pode afirmar e negar a mesma coisa ($p \wedge \sim p$), assim como, segundo o “princípio do terceiro excluído” não pode haver uma terceira possibilidade, uma delas deverá ser verdadeira ($p \vee \sim p$). A proposição precisa dizer algo sobre o mundo para ter sentido e ser proposição, conseqüentemente se esse algo acontece no mundo a proposição é verdadeira, se não acontece é falsa.

Sendo a realidade determinada pelos fatos possíveis, a consonância lógica com uma proposição só estabelece seu sentido e não sua veracidade. Portanto, para Wittgenstein o sentido é determinado pela possibilidade da existência do estado de coisas [*Sachverhalt*] que a proposição se refere, mas sua veracidade é dada pela conformidade com o mundo, que é constituído de fatos. A linguagem com sentido sempre estaria determinada pela sua relação de referência à realidade, ou seja, uma proposição com sentido ao ser uma figuração de um fato, está diretamente ligada com as possibilidades do mundo. O uso correto da linguagem está mediado pela constante referência à realidade, equivalente a dizer que, pela referência ao espaço lógico que prevê todas as possibilidades do mundo.

Considerado que proposições elementares, que afiguram acontecimentos de forma direta, podem ser concatenadas em proposições complexas desde relações lógicas, sem que se perca o sentidos contrassensos [*Unsinnnes*], não são nem proposições elementares que figuram fatos de maneira direta, nem são constituídas de proposições elementares. Assim sendo, as proposições que não tem sentido [*Sinnlos/Unsinn*] são as que não possuem uma relação projetiva com a realidade, dissociadas às relações determinadas pela forma lógica e/ou possuindo signos simples sem significado [*Bedeutungslos*], isto é, nomes que não têm referência aos objetos do mundo. Visto que é tanto a forma lógica, quanto a referência aos objetos do mundo que possibilitam à linguagem falar sobre o mundo e a realidade.

2.4 Observações

Visto que o conhecimento é a descrição do mundo, o objetivo do *Tractatus* é estabelecer as condições de possibilidade da linguagem como expressão desse conhecimento. Enquanto a ciência se responsabilizaria por descrever o mundo, a filosofia determina as condições dessa descrição. Esse processo se dá por uma crítica da linguagem ou análise lógico-transcendental. Este procedimento é direcionado à proposição por ser a unidade mínima da linguagem. É dizer, por ser a menor partícula representativa com sentido [*Sinn*], já que é o sentido que faz com que seja possível descrever o mundo e é característica fundamental da linguagem. A linguagem é a junção de todas as proposições, conseqüentemente, as condições de possibilidade da proposição se referem também às condições de possibilidade de toda a linguagem (PINTO, 1998, p. 147). A substância da linguagem é uma base imutável, os nomes, o que é mutável é a ordem de disposição destes em diferentes combinações. Essas combinações são as proposições elementares, além destas existem as proposições complexas constituídas de conexões lógicas de proposições elementares (ou atômicas).

No entanto, mesmo colocando os nomes como substância imutável, esses não tem significado fora de concatenações, não tem existência real de forma isolada. Apenas nas proposições elementares os nomes possuem significado, só aí eles têm uma ligação imediata com a realidade, se referem diretamente aos fatos, estados de coisas [*Sachverhalten*], mais especificamente aos elementos que fazem parte destes, por isso, possuem significado [*Bedeutung*]. Os nomes são partes da proposição, aqueles que se referem a partes dos estados de coisas que são os objetos. Além do sentido, dado na própria proposição enquanto concatenação de elementos que expressa uma relação possível da realidade, as proposições possuem significado, que é condição para o sentido.

Significado [*Bedeutung*], e sentido [*Sinn*], apesar de suas definições serem parecidas, elas não são a mesma coisa. Significar é a capacidade de se referir a algo no mundo, apesar do nome só possuir significado na proposição, ele carrega significado se referindo a um objeto, é o “o que” se refere; por outro lado, o ter sentido é um caráter atribuído a proposição como um todo quando, a proposição se refere a um estado de coisas possível, se referindo ao espaço lógico, respeitando a

forma lógica da realidade e da linguagem, este é o “como” se refere, tendo em mente que para fazer sentido devem suas partes ter significado [*Bedeutung*].

Para Wittgenstein, a menor unidade linguística é a proposição, pois o sentido só deriva de estados de coisas e não de apenas coisas. Então, os signos simples não são unidades da linguagem, apenas subsistem como condição de possibilidade das unidades da linguagem e, como consequência, da própria linguagem. Paralelamente, os objetos simples (referidos através dos signos simples ou nomes) não são capazes por si só de determinar o mundo, o mundo é determinado pelos fatos, (WITTGENSTEIN, 2020: 1.1), no entanto, os objetos são condições de possibilidade dos fatos que são constituídos das relações entre os objetos.

Sendo assim, os signos simples e proposições elementares são as condições transcendentais de possibilidade da linguagem e os objetos simples são as condições transcendentais de possibilidade do mundo. Não sendo parte do mundo ou da linguagem, nós não temos acesso direto a estes. Não é possível descrever um objeto, apenas nomeá-lo, este só pode ser compreendido a partir das relações que faz com outros, assim como a linguagem só é capaz de afigurar a realidade por demonstrar essas relações. Não podemos acessar os nomes por não existirem no nível dos fatos, como é o caso das proposições e dos estados de coisas [*Sachverhalten*]. O mesmo acontece com a forma lógica, também não pode ser representada ao ser condição de toda a representação e não existir como fato. Ambos se mostram nas representações, a forma lógica e os objetos, mas “o que são” não pode ser dito, explicados ou representados. Apesar dessa dificuldade, a necessidade desses dois para que haja linguagem é clara. Como salienta Margutti Pinto:

“[...] não é possível exibir signos simples ou nomes, pois eles pertencem ao nível transcendental e não ao dos fatos; se não é possível exibir nomes, também não é possível exibir a forma lógica das proposições atômicas, que são articulações desses nomes. [...] Embora não tenhamos condições de estabelecer a priori quais são os signos simples e, portanto, qual a forma das proposições elementares, temos certeza da necessidade deles.” (PINTO, 1998, p. 156)

Para Wittgenstein, o sentido é assegurado à proposição complexa quando esta é totalmente derivada de proposições elementares que são figurações diretas de fatos. Como constata Margutti (1998, p. 157), para o filósofo, representação lógica de fatos é o mesmo que proposição dotada de sentido e também pensamento. Assim, ao explicar a afiguração lógica, fica explícito o sentido. Dentre as propriedades, destacadas por Margutti Pinto, da proposição como figuração estão: 1) é um fato (2020: 2.141), por isso articulado e dependente de uma determinada relação de concatenação entre elementos, não tratando de um acúmulo desarticulado de signos (2020: 3.14; 3.141); 2) é uma figuração ao representar fatos do mundo, ou seja é um fato linguístico que tem como modelo a realidade, é capaz de descrever o mundo por ser modelo da realidade (2020: 2.1; 2.11); 3) visto que a linguagem e a realidade tem a mesma forma lógica a proposição é capaz de se referir a fatos do mundo. Para que haja representação é necessário que haja algo em comum com o representado, isto é a estrutura ou forma lógica, dando assim a possibilidade de projetar um fato (do mundo) em outro (linguístico). Assim os nomes dentro da proposição projetam os objetos da realidade, cada nome substitui um objeto (2020:2.131), aqueles devem estar dispostos de determinada forma se referindo aos objetos da realidade, conservando a mesma estrutura e forma (2020: 2.15). 4) o sentido da figuração deriva de duas condições a configuração dos nomes e a possibilidade de projetar da proposição (conservar sua forma).

Outro ponto importante a ser destacado é que o sentido não determina verdade em Wittgenstein. O sentido é a capacidade da figuração de se referir a realidade (possibilidades do mundo), já a verdade é característica das figurações que são concretizadas no mundo, no entanto esta última não é verificável a priori. A verdade só é atribuída a partir da verificação do mundo (2020: 2.224-2.225); assim, 5) a forma da afiguração não pode ser afigurada, considerando que toda figuração tem como condição a forma lógica qualquer tentativa de afiguração desta pressupõe o que se pretenderia afigurar, portanto é impossível. A forma lógica não pode ser dita pela figuração, mesmo assim se mostra em todas elas. (2020: 2.19; 4.022; 4.121).

A análise completa da proposição conduz ao postulado transcendental das proposições atômicas e signos simples. Assim, a explicação da estrutura da proposição complexa se reduz à explicação da estrutura da proposição atômica. Cada proposição atômica constitui uma figuração (ou modelo) de

um fato. A razão disso é que a própria proposição atômica é um fato (linguístico) utilizado para representar outro fato (do mundo). A proposição atômica representa o fato do mundo porque possui algum tipo de isomorfismo com ele. O sentido da proposição atômica, como figuração é dado pela combinação de dois aspectos fundamentais anteriormente mencionados: a configuração dos nomes mais a relação projetiva que liga tais nomes aos objetos que eles designam. Essa constatação, porém, deixa claro que, embora a figuração possa afigurar o fato, ela não pode afigurar a própria forma da afiguração que está sendo utilizada para afigurar o fato. (PINTO, 1998, p. 163)

Dessa forma vemos como Wittgenstein enlaça a linguagem com a realidade, estabelecendo que a proposição complexa deve ser formada por proposições atômicas que descrevem fatos atômicos da realidade. Sendo a linguagem composta por nomes e o mundo por objetos, estes elementos devem conservar uma relação de projeção direta: um nome por objeto e vice e versa, tendo todos significados [*Bedeutungen*] no primeiro caso e representação no segundo. Assim sendo, os nomes estabelecem as condições de possibilidade para a linguagem ao serem responsáveis pelo apontar para o mundo, isto é, ligar as partes da linguagem às partes do mundo, articulando o significado [*Bedeutung*] dos nomes aos objetos correspondentes. Define-se a constituição do sentido, de Wittgenstein, de forma puramente lógica, é dizer, deixando de lado qualquer caráter subjetivo, o autor faz a definição do sentido e do significado [*Bedeutung*] desde o campo da linguagem e dos fatos.

Na linguagem há dois lados que a constituem, estes são o sentido e o significado [*Bedeutung*], como explica Margutti Pinto:

“[...] o grande lógico austríaco explica o signo linguístico por meio de duas dimensões: o sentido [*Sinn*] e o significado [*Bedeutung*]. O objeto designado pelo signo é seu significado, o modo pelo qual apresenta este objeto é seu sentido.” (PINTO, 1998, p. 164)

Como vimos anteriormente, a proposição é a menor unidade da linguagem para Wittgenstein, por um lado, por só ela ser capaz de deter sentido, por outro, por os nomes só terem significados [*Bedeutungen*] dentro do contexto da proposição (2020: 3.3). A proposição tem o papel de expressar o sentido da ação afigurada, já o nome tem o objetivo de, dentro da proposição, substituir o objeto, conferindo

significado. O nome só tem significado por estar dentro da proposição com sentido, ao ser capaz de substituir o objeto a que se refere a proposição. Detém sentido quando a proposição afigura uma possibilidade do mundo. Detém significado quando os nomes indicam objetos do mundo. Visto que o objeto do mundo não pode ser explicado, apenas nomeado, os nomes ou signos simples os indicam. Já os fatos, por serem acontecimentos constituídos de relações entre objetos podem ser explicados, disso se seguem as proposições. Os signos têm significado [*Bedeutung*] quando, ao ser elemento da proposição, estabelecem uma conexão se referindo ao objeto, e a proposição tem sentido quando estabelece essa conexão com o fato, conservando as relações afiguradas. Consequentemente, sendo a proposição uma articulação de nomes que exprimem um sentido, todos os nomes dentro da proposição precisam ter significado para que esta detenha sentido.

Para Wittgenstein é impossível determinar a veracidade de uma proposição sem que seja feita a comparação com o mundo. A priori apenas podemos determinar o seu sentido. Disso se segue a bipolaridade como característica essencial da proposição. A priori se estabelece que a proposição tem sentido, mas sua veracidade não está desde já estabelecida, tendo sentido a proposição terá duas possibilidades de resposta da realidade: verdadeira ou falsa. Como a proposição tem como objetivo a descrição do mundo e depende da relação com este, a bipolaridade é uma característica essencial para sua autenticidade. Os fatos do mundo são por natureza aleatórios; é dizer, desde que estejam em conformidade com a forma lógica, se um estado de coisas acontece ou não no mundo é totalmente accidental. Ou seja, dada uma proposição com sentido, a verdade desta será accidental. Da mesma forma, uma proposição ao ser comparada com a realidade pode ser tanto verdadeira quanto falsa, ela tem como conteúdo acontecimentos ou possibilidades.

Sendo assim, “proposições” de caráter necessário não devem ser consideradas proposições legítimas ao não manterem essa essência bipolar, desde o caráter aleatório dos fatos não há nada no mundo que possibilite estados de coisas por si só necessários. Mesmo assim, as “proposições” necessárias, também não são exatamente proposições absurdas, são pseudo-proposições, visto que concorda com a estrutura lógica da linguagem, mas não afigura um fato, ela não tem

sentido ou conteúdo. Esse ponto é muito bem ilustrado por Margutti nesta passagem:

Suponhamos, por exemplo, uma sequência como 'o círculo é vermelho'. Ela descreve uma situação possível e comparada com a realidade, pode ser verdadeira ou falsa. Isso significa que sua negação, 'o círculo não é vermelho', também descreve uma situação possível e será falsa ou verdadeira. Trata-se de uma proposição autêntica. Suponhamos agora a sequência 'o círculo é redondo'. Assumindo que se trate de uma proposição, constataremos que ela será sempre verdadeira e sua negação, 'o círculo não é redondo', sempre falsa. Esta 'proposição' descreveria um fato necessário e sua negação, um fato impossível. Nesse caso, porém, tais "proposições" não seriam bipolares, pois apontariam necessariamente para a verdade ou falsidade dos respectivos 'fatos' descritos. Em virtude da falta de bipolaridade, Wittgenstein se recusa a considerar 'o círculo é redondo' como correspondente de uma proposição autêntica. (PINTO, 1998, p. 169)

Este é o problema de casos limites como a tautologia e a contradição. São pseudo-proposições que, apesar de preservarem a forma lógica da realidade enquanto linguagem, não podem receber o título de proposição ao serem vazias de conteúdo. Ou seja, elas têm sentido por manterem relações lógicas de regularidade, não fogem das possibilidades da realidade, mas mesmo assim nada dizem sobre o mundo, já que sua verdade está baseada apenas em articulações lógicas. A veracidade ou falsidade dessas proposições não passa de artimanhas lógicas. Essas sequências nada dizem, não agregam conhecimento algum sobre os acontecimentos do mundo, não afiguram a realidade, é dizer, não representam nenhuma situação possível do mundo. A proposição autêntica deve ser necessariamente uma escolha entre posições, na tautologia não há escolha por a veracidade já estar determinada, não há descrição do mundo, não há conhecimento, pois, se baseia apenas na necessidade lógica.

Se, conforme falamos anteriormente, a linguagem preserva uma ligação com a realidade ao serem compatíveis estruturalmente, consequentemente as conclusões tomadas a partir da análise crítica da linguagem não apenas dizem respeito à linguagem, mas também tratam da estrutura da realidade e do mundo. Essa relação de conformidade é sempre mantida. A linguagem é o conjunto das proposições com sentido (verdadeiras ou falsas), assim como a realidade é totalidade dos estados de coisas [*Sachverhalten*] possíveis (que acontecem ou não

acontecem). Por outro lado, a ciência natural corresponde a totalidade das proposições verdadeiras, e o mundo a totalidade dos estados de coisas existentes. As proposições com sentido são concatenações que afiguram possibilidades de acontecimentos, estados de coisas da realidade. As proposições verdadeiras estão ligadas a fatos do mundo. Os signos simples ou nomes que constituem as proposições se referem aos objetos que, ao se relacionar, formam os estados de coisas, assim como os nomes formam as proposições.

O paralelismo relatado por Wittgenstein é dado pela constatação da estrutura lógica como comum tanto a linguagem quanto ao mundo e a falta de relação causal destes dois. Tanto os signos simples como os nomes simples indicam um lugar no espaço lógico (comum entre ambos), e este espaço é que configura a própria lógica/estrutura comum entre a linguagem e a realidade. É a coexistência no espaço lógico que fundamenta essa lei estruturante. Portanto, a lógica determina tanto a realidade como a linguagem, não há uma relação causal entre linguagem e mundo, nenhum antecede ou tem como causa o outro. Os dois são paralelos, sua relação está definida por ter uma estrutura comum, a lógica, possibilitando que um se refira ao outro sem depender de uma relação causal.

Em Wittgenstein não há uma relação causal entre linguagem e realidade, é dizer, uma não antecede à outra ou implica na outra, ambas têm uma natureza paralela (ou isomorfa) onde as duas seguem a mesma estrutura. É por isso que a linguagem pode se referir ao mundo. Um fato que existe no mundo está referido a um espaço lógico, assim como uma proposição que descreve esse fato também está ligada a esse mesmo espaço, que faz referência a ambos em relação a todas as possibilidades lógicas de existência. Essa é a justificativa da relação comum entre ambas, ao ter sentido, tem referência a um lugar lógico, tem relação com a realidade e com a linguagem de forma paralela. Ambas têm a mesma forma, se espelham uma sobre a outra por seus elementos, a projeção acontece afigurando as relações, concatenando os nomes da forma que os objetos do mundo se relacionam.

Se, por um lado, na linguagem o nome ou signo simples recebe título de condição de possibilidade da linguagem, sem ser fato, ou seja, sem existir como partícula de linguagem – sendo que, fora da concatenação da proposição, não consegue exprimir significado [*Bedeutung*] e muito menos sentido [*Sinn*]. Então, por

outro lado, na realidade o objeto, enquanto correspondente, deverá receber o mesmo título de condição de possibilidade da realidade, este também não tem existência real fora de concatenações. Disso se segue que o mundo não se exprime pelas coisas, apenas pelos fatos, cito “1.1 O mundo é a totalidade dos fatos, não das coisas.”. Por causa do paralelismo (ou isomorfismo), são possíveis conhecimentos de um para o outro, conhecendo a realidade se conhece também a linguagem e vice-versa.

“Assim de um lado, é a existência de signos simples que permite a existência de uma forma fixa para a linguagem, de outro, é a existência de objetos simples que permite a existência de uma forma fixa do mundo (cf 2.026-027). (PINTO, 1998, p. 181)

Em outras palavras, dado o paralelismo entre linguagem e realidade, sendo que a possibilidade da linguagem é dada por uma base fixa da qual deriva sua constituição variável, conseqüentemente a realidade também, estas são respectivamente os signos simples ou nomes e os objetos ou coisas. À lógica é irrelevante a quais estados de coisas o objeto fará parte, mas depende da necessidade deste de estar presente em um estado de coisas para ser objeto. O mesmo vale para os nomes enquanto partes da proposição.

O nome e o objeto são fixos, enquanto a proposição e o fato (positivo ou negativo) são variáveis. Sendo fixos devem ser necessariamente simples, pois é onde a análise do fato deve terminar, sem cair em um regresso até o infinito, os nomes compostos não existem. Proposições complexas são arranjos lógicos de proposições elementares, as proposições elementares são concatenações articuladas de nomes simples, que indicam fatos atômicos (estados de coisas) da realidade, os estados de coisas são relações entre objetos, os objetos são os significados [*Bedeutungen*] dos nomes que formam as proposições. Não pode haver nomes complexos, a análise termina com a determinação do significado [*Bedeutung*] do nome. Se esse fosse o caso, se não existissem os objetos simples, não haveria significado [*Bedeutungslos*] por não haver substância fixa à qual a própria linguagem pudesse se referir (2020: 2.021-2.0211). Cito:

“Para compreender o que Wittgenstein quer dizer com isso, suponhamos que a linguagem não tivesse “substância e que, portanto, não houvesse signos simples em sentido tractatiano. A consequência imediata seria que a análise da proposição atômica levaria a expressões desprovidas de significado determinado. Com efeito, o signo simples nada mais é que um nome que necessariamente se refere a um objeto, possuindo, assim um significado determinado.” (PINTO, 1998, p. 183)

Com isso, fica clara a relação paralela entre a linguagem e realidade dada por uma estrutura equivalente que possibilita que uma se refira a outra. Sendo que, é porque ambas preservam a forma lógica que é possível que haja representação. Além disso, por ambas terem essa relação de equivalência que ao conhecer forma lógica da linguagem podemos inferir também informações sobre o mundo. Se não houvessem os nomes simples, não haveria substância na linguagem, se não houvesse substância na linguagem paralelamente não haveria substância na realidade, não haveriam os objetos, não haveria forma da linguagem descrever o mundo, o mundo não seria descritível ou decomposto em fatos atômicos. Para tanto Margutti Pinto (1998, p. 186) identifica a existência de objetos simples (e a impossibilidade de serem complexos) como causa da natureza determinada do sentido. Se o sentido pode ser determinado é por a proposição ser composta de fatos atômicos que indicam objetos simples.

Segundo Margutti, como consequência da crítica lógica da linguagem, para além das diferenças referentes às formulações lógicas e problemas discutidos no campo da lógica, Wittgenstein tem conclusões que fogem muito das de outros teóricos de sua área (como, por exemplo, Frege e Russell). O que parecia ser um livro de lógica que tratava questões referentes a problemas no uso da linguagem se torna uma investigação rigorosa acerca da natureza e origem da linguagem, se distanciando de um caráter instrumental de um conjunto de regras e problemas meramente de estruturação lógica, chegando a uma fundamentação da possibilidade de representação pela linguagem sobre a realidade.

Assim, compartilhando tanto referências a tradição crítica, quanto a tradição lógica, o processo de aplicação de uma crítica de caráter lógico e rigoroso à linguagem chega inclusive à constituição de uma sistematização que propõe

condições para a existência tanto da linguagem quanto da realidade. É dizer, ao instaurar como princípio a relação de conformidade estrutural entre a linguagem e a realidade, ele determina tanto os fundamentos da linguagem quanto da realidade.

Ao estabelecer que a proposição teria que estar ligada com o estado de coisas [*Sachverhalt*], ou melhor, com a realidade, para significar e fazer sentido [*Sinn*], essa constatação levou Wittgenstein a uma questão muito mais fundamental sobre a constituição tanto da linguagem como da realidade. O mesmo estabelece que estes são paralelos e para isso deve haver algo em comum às duas naturezas, a sua estrutura, a saber, a própria forma lógica. Ou seja, a questão aqui não é mais apenas do campo de investigação tradicional da lógica, não se trata da criação de um novo *Organon* que simplesmente dita os parâmetros a serem seguidos na constituição de um raciocínio válido. Trata-se de uma investigação acerca dos fundamentos que compõem a natureza da realidade e da linguagem. Como esclarece Margutti Pinto:

“Em outras palavras, a crítica da linguagem pretendida pelo *Tractatus* procura, num primeiro momento, determinar as condições de possibilidade da linguagem pela análise das condições de possibilidade da proposição. Estamos aqui no plano da análise lógica da linguagem. Num segundo momento, inspirada pela necessidade de um paralelismo entre a linguagem e o mundo, para que a primeira possa descrever o segundo, a crítica procura determinar as condições de possibilidade dos fatos. Passamos aqui para o plano do que poderia ser denominado uma ‘análise lógica’ do mundo. Num terceiro momento, ao tentar explicar o paralelismo linguagem-mundo, a crítica descobre que a forma lógica, até então considerada o fundamento da linguagem, é também fundamento do mundo. Atingimos agora o plano da ontologia propriamente dita. As análises anteriores revelam que a forma lógica ou, mais abreviadamente, a lógica é o ‘cimento comum’ à linguagem e ao mundo (1912-1916:37). Assim, o estudo das condições de possibilidade da linguagem é também o estudo das condições de possibilidade do mundo, as quais expressam, em última instância, a essência de toda a realidade. Levada a suas últimas consequências, a crítica da linguagem desemboca em uma ontologia.” (PINTO, 1998, p. 192-193)

Portanto, com a crítica da linguagem, ao pretender estabelecer as condições, limites e fundamentos da linguagem e, simultaneamente, do pensamento, expondo sua raiz crítica, Wittgenstein chega ao paralelismo da linguagem-realidade que fundamenta a possibilidade da figuração. Para que uma proposição seja de fato uma

representação de um fato do mundo é necessário que haja algo em comum com o representado que estabeleça essa relação projetiva, este algo em comum é a estrutura. Para que a proposição represente acontecimentos, a estrutura que arquiteta as relações da proposição e do acontecimento precisa ser a mesma. Assim, em relação à linguagem e a realidade, ambos dividem uma relação de conformidade estrutural, a substância da linguagem (signos simples) estão diretamente ligados com a substância do mundo (objetos), dado que o fundamento da linguagem é a forma lógica (por ser esta que possibilita a existência da linguagem), então o fundamento do mundo também o é. Desta maneira, Wittgenstein sai do campo tradicional de investigação lógica (regras/receitas para a construção de argumentos), chegando a constatações de cunho ontológico e metafísico. Nesse sentido devemos apontar que também não se perde a ligação com a lógica totalmente, pois é através da crítica lógica da linguagem que se chega a estas constatações. Na filosofia de Wittgenstein, a lógica é a estrutura que fundamenta toda a realidade e a linguagem: os fatos, as proposições têm a constituição que tem por conta da forma lógica. A lógica é a essência da realidade.

CAPÍTULO 3 - O SILÊNCIO

Nesta seção o objetivo é mostrar o significado do silêncio e conceitualizar a ideia de um “suicídio autofágico”, conceito formulado desde a interpretação de Margutti Pinto em seu livro *Iniciação ao Silêncio*. A interpretação vai além de uma leitura estrutural ou mesmo genética e nesse sentido aborda também aspectos subjetivos relativos à vida e inspiração do autor. Tudo isso de forma articulada concretiza uma interpretação rica e, no mínimo, extremamente interessante. O silêncio, ou o calar é o ponto de chegada da conclusão do *Tractatus*, com isso, através da análise crítica de certos âmbitos da linguagem tentaremos interpretar o seu porquê e o seu significado. Para tanto, tendo em vista a análise lógica que Wittgenstein faz no *Tractatus* a respeito de diferentes âmbitos da linguagem como lógica, matemática, física, ética e metafísica. Iremos, inicialmente, explorar apenas a análise feita a respeito da lógica, ética e metafísica dado o recorte deste trabalho.

3.1 A Lógica

Retomando o capítulo anterior, a lógica é a estrutura comum à linguagem e à realidade que permite a representação de uma com a outra. Mesmo assim, a lógica também é uma área em si mesma e sua relação com a linguagem não pode deixar de ser analisada (PINTO, 1998, p. 224). A questão fundamental desse campo é que a lógica é formada por proposições tautológicas, “6.1 As proposições da lógica são tautológicas” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 233). Como vimos antes, a tautologia é a proposição verdadeira em todos os casos. A consequência disso é que elas não apresentam conteúdo a respeito da realidade, isto é, são sem sentido [*Sinnlos*], “6.11 As proposições da lógica, portanto, não dizem nada” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 233). Uma proposição legítima é formada por uma escolha a respeito do sentido do acontecimento do mundo que afigura, coisa que não acontece nas proposições lógicas. Essas últimas não passam por um processo de verificação pela experiência para contestar sua veracidade, pois sua verdade se dá por uma questão formal, onde por operações lógicas a verdade é determinada, cito: “6.113 É a marca

característica particular das proposições lógicas que sua verdade se possa reconhecer no símbolo tão somente (WITTGENSTEIN, 2020, p. 235).

Consequentemente, o conteúdo do mundo, os objetos e acontecimentos, são irrelevantes à lógica. As proposições da lógica são sem sentido [*Sinnlos*]. Um exemplo de proposição tautológica é “ $p \vee \sim p$ ”, dada uma proposição atômica como “Wittgenstein é austríaco” podemos substituir esta proposição atômica por “ p ”, na forma da primeira proposição, obtendo na forma discursiva a seguinte proposição composta: “Wittgenstein é austríaco ou Wittgenstein não é austríaco” que é uma tautologia. Dado um sentido segue-se, deste, duas possibilidades de proposição: a afirmativa “Wittgenstein é austríaco” e a negativa “Wittgenstein não é austríaco”. Onde uma delas será verdadeira e a outra falsa mesmo que ambas sejam possíveis. De um sentido se seguem duas possibilidades, em que necessariamente uma é verdade. Quando juntamos as duas pela constante lógica “ou” criamos uma tautologia, pois se de fato Wittgenstein for austríaco então a proposição: “Wittgenstein é austríaco ou Wittgenstein não é austríaco” é verdadeira, e se Wittgenstein não for austríaco também. Sendo que a relação de disjunção (“ou”) tem o valor lógico que determina que quando uma das proposições que a compõem for verdadeira a proposição composta será verdadeira. O ponto a ser destacado aqui é que a verdade não é verificada pelo contato com o mundo, mas é dada por uma necessidade lógica.

Sendo assim, são as relações lógicas que formam as tautologias. Sendo a bipolaridade da proposição condição para o sentido, as proposições tautológicas, por não poderem ser falsas, não têm sentido [*Sinnlos*]. O mundo é constituído de fatos que acontecem de forma aleatória, assim a verdade das proposições que descrevem o mundo são também aleatórias e determináveis apenas pela constatação empírica. As proposições lógicas são tautológicas, logo, sem conteúdo ou sentido. Uma proposição legítima, bipolar, que afigura um acontecimento da realidade, descreve uma situação, já as proposições lógicas não descrevem nada:

“4.462 Tautologia e contradição não são figurações da realidade. Não representam nenhuma situação possível. Pois aquela admite toda a situação possível e esta não admite nenhuma.”

Mesmo assim, a lógica não recebe o título de contrassenso [*Unsinn*], visto que, este se caracteriza pelo erro de tentar enunciar coisas que não podem ser ditas. Sendo que os símbolos nas tautologias seguem os parâmetros da estrutura lógica, apesar de a proposição não ter sentido (2020: 4.461). A falta de sentido da tautologia é caracterizada por essa falta de relação com os acontecimentos do mundo, nem mesmo a veracidade é determinada pelo mundo. Mesmo não havendo erro na formação das proposições, os signos simples não têm significado [*Bedeutung*], porque as proposições lógicas não têm o objetivo descrever as relações entre os objetos. O seu objetivo é mostrar a forma lógica das proposições. As proposições tautológicas não enunciam o mundo, não tem conteúdo descritivo, não dizem nada. “4.461 A proposição mostra o que diz; a tautologia e a contradição, que não dizem nada. [...] Tautologia e contradição não têm sentido.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 185)

Por outro lado, Margutti Pinto deixa claro que é porque as proposições lógicas são tautológicas, que estas conseguem mostrar a estrutura comum ao mundo e a linguagem. Escreve Wittgenstein:

“6.12 Que as proposições da lógica sejam tautologias, isso mostra as propriedades formais- lógicas- da linguagem, do mundo.

Que suas partes constituintes, assim, enlaçadas, resultem numa tautologia, isso caracteriza a lógica de suas partes constituintes.

Para que proposições, enlaçadas de determinada maneira, resultem numa tautologia, elas devem ter determinadas propriedades estruturais. Que assim ligadas resultem numa tautologia, portanto, mostra que possuem essas propriedades estruturais.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 235)

As proposições da lógica não são capazes de descrever as relações que estruturam a linguagem e a realidade. Mas elas mostram essas relações. As tautologias são verdadeiras, não por causa de uma conformidade com o mundo, mas por necessidade lógica. É dizer, é pelas operações lógicas que elabora entre as proposições que a compõem que as tautologias possuem caráter necessário. No caminho de identificar as proposições lógicas é necessário caracterizar uma validade geral essencial, que difere de validades gerais casuais - ou seja, que são sempre verdadeiras por um acaso. Um exemplo de validade geral causal é “Todo homem é

mortal”. A possibilidade da imortalidade não fere os limites do mundo (não há necessidade no mundo), sendo assim, a verdade dessa proposição só se dá por acaso e não por necessidade (2020: 6.1232). Sendo assim, a validade geral da proposição não é a característica essencial das proposições da lógica, mas a validade geral essencial. Ou seja, a validade geral da lógica não se dá por uma correspondência com a realidade (casual), mas por articulações lógicas que tem como consequência a validade necessária, a tautologia, porque a sua validade parte da própria estrutura lógica. E é por isso que a lógica mostra a estrutura do mundo expondo essas relações, articulações e operações (2020: 6.124).

Como consequência, a lógica, segundo Wittgenstein, não é uma teoria, já que não tem caráter informativo em relação a acontecimentos do mundo. Teorias se dão no campo das ciências naturais, onde a intenção é conhecer, explicar e relacionar os acontecimentos do mundo. No entanto, a lógica não é capaz disso, não tem como objeto os acontecimentos do mundo, não é figuração de fatos. Mesmo assim, através de tautologias mostra a estrutura essencial do mundo e da linguagem. Não é capaz de representar efetivamente essas relações, mas as indica. Nesse sentido, ela é transcendental, por indicar as condições de possibilidade do mundo e da linguagem. Seu objeto é a forma lógica que dita as regras tanto dos estados de coisas [*Sachrerhalten*] quanto das proposições. Nesse sentido, poderia se sustentar que nesta há um mal uso da linguagem, a lógica não tem sentido, seu objeto de estudo, a forma lógica, não é descritível, foge dos limites da linguagem.

3.2 A Ética

Seguindo para o próximo campo analisado por Wittgenstein que iremos tratar: Ética. Se por um lado a realidade é a totalidade de todos os estados de coisas [*Sachrerhalten*] possíveis, por outro, a linguagem é a totalidade de todas as proposições possíveis. Sendo os estados de coisas e proposições acidentais e independentes entre si, então onde cabem os valores éticos? Não pertencem ao mundo, e nem à linguagem “6.4 Todas as proposições têm igual valor” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 257). O sentido do mundo, os valores éticos estão fora do mundo (2020: 6.41). Os estados de coisas do mundo acontecem de forma acidental e, por isso, não apresentam nenhuma relação hierárquica entre si que determine um valor absoluto para umas e não para outras. A linguagem com sentido,

segundo o *Tractatus*, só é capaz de afigurar fatos, com isso iremos analisar os problemas de referência feitas pelas proposições éticas. Cito:

“No âmbito da realidade e do mundo, só temos fatos (existentes ou possíveis); no âmbito da linguagem, só temos proposições que descrevem fatos. Essas proposições só tem valor de verdade. Daí o paradoxo tractatiano: todas as proposições possuem igual valor (1922:6.4). Se o ‘valor’ aqui envolvido é o ‘valor ético’ este aforisma poderia ser refraseado assim: todas as proposições são de igual valor porque não possuem qualquer valor.” (PINTO, 1998, p. 235)

Os valores necessariamente não estão no mundo, pois os acontecimentos do mundo são meramente casuais. Assim, não haveria nenhuma necessidade atrelada aos acontecimentos, sendo que, para Wittgenstein, a única necessidade possível é a lógica e, como vimos anteriormente, esta não tem nenhuma relação com os objetos e acontecimentos do mundo. Se aos fatos fossem atribuídos valores éticos ou absolutos, aqueles não poderiam ter o caráter causal, acidental ou aleatório que têm, pois os valores não são acidentais. Caso fossem não seriam valores absolutos, se não fossem absolutos de nada importariam, conseqüentemente, não poderiam ser éticos. Portanto, os valores éticos só podem ser de outra natureza que não factual.

Segundo Margutti Pinto, o *Tractatus* deve ser analisado desde dois elementos fundamentais: o sujeito transcendental e o mundo. O sujeito não é parte do mundo, na verdade é o seu limite. O comentador, para explicar essa relação, resgata a analogia feita por Wittgenstein onde o olho é o sujeito transcendental e o mundo é o campo visual: “O olho não se encontra no campo visual, mas é seu limite.” (2020:5.633-5.6331). Portanto, os valores não fazem parte do mundo, dos fatos e acontecimentos, ainda assim, não deixam de existir, pois são parte do limite. Os valores éticos existem no limite do mundo, no sujeito transcendental. “Assim, embora não pertença ao mundo como conjunto de fatos, os valores pertencem ao sujeito transcendental como limite do mundo.” (PINTO, 1998).

O sujeito é transcendental por ser a condição de possibilidade da interação com o mundo. Se os valores éticos são parte constituinte do sujeito transcendental é porque a própria ética é transcendental e condição de possibilidade do mundo (2020: 6.421). Ou seja, os valores éticos só são considerados desde a perspectiva

do sujeito sobre os acontecimentos, para além disso os fatos não possuem qualquer valor de carácter absoluto. “Nossa vida, enquanto fato do mundo, é totalmente arbitrária; enquanto contemplada pelo sujeito transcendental, possui um significado ético necessário.” (PINTO, 1998).

Dada a constituição proposicional da linguagem, adjunta a natureza essencial da proposição - como figuração lógica bipolar complexa de estados de coisas [*Sachverhalten*] da realidade - e o carácter independente e accidental das proposições e fatos, infere-se que a ética não pode ser afigurada por proposições. Para deixar isso claro é necessário entender que ao falar sobre valor, Wittgenstein pontua a diferença entre as expressões de linguagem que expressam valores relativos e o verdadeiro valor absoluto, visto que, as proposições éticas deveriam supostamente tratar do segundo caso. Um valor relativo é feito a partir da articulação de fatos que o fundamentam.

Um exemplo de proposição que expressa um juízo de valor relativo é “Leonardo é um bom corredor”, esta proposição está embasada em outras que afiguram fatos, como por exemplo: Leonardo correu tantos metros por segundo e bons corredores correm em uma média de velocidade similar a feita por Leonardo. Sendo que, a velocidade se pré-estabelece seguindo informações de acontecimentos que relacionam a velocidade alcançada por um grupo grande de pessoas, apontando a média de velocidade que só é alcançada pela minoria do grupo. A questão é que uma proposição que expressa um valor relativo pode ser desmembrada em proposições atômicas que afiguram fatos. Tem um carácter descritivo da realidade, não é uma atribuição de valores absolutos a acontecimentos do mundo ou possibilidades da realidade. O tipo de valor relativo é dado segundo um padrão pré-estabelecido, como por exemplo de o que é necessário para ser um bom corredor. Ainda assim, desde a impossibilidade das proposições éticas, não se conclui a inexistência da ética ou de valores absolutos. A ética busca algo extremamente importante para a vida, mais especificamente, para Wittgenstein, a coisa mais importante da vida: o sentido da vida. No entanto, a linguagem existe dentro de certas condições que assegurem seu sentido e significado, impossibilitando expressões que não podem ser desmembradas em fatos.

Como Wittgenstein, em seu trabalho *Conferência Sobre a Ética*, tradução de Darlei Dall'Agnol, define a ética como investigação sobre: o bom; o valioso; o que realmente importa; o significado da vida; o que faz com que a vida mereça ser vivida; a maneira correta de viver. Adjunto a impossibilidade da proposição de exprimir valores éticos de forma legítima, porque eles não são fatos. Conclui-se que as proposições éticas são contrassensos [*Unsinn*], por usarem signos sem referências [*Bedeutungslos*]. Os valores éticos não são partes do mundo e a linguagem só é capaz de exprimir fatos do mundo. Como vimos anteriormente, os signos simples devem sempre se referir a objetos do mundo para terem significado, caso contrário, não tem sentido. Por exemplo a proposição: “Leonardo é uma pessoa boa” ou “Mentir é errado”, ambas as palavras “boa” e “errado” estão supostamente carregadas de valor absoluto, é dizer, valor que não pode ser diretamente derivadas de outras proposições descritivas. É por isso que essas proposições são absurdas, ultrapassam o limite da linguagem desrespeitando seu caráter essencialmente descritivo.

A palavra “bom” no sentido relativo apenas satisfaz certo padrão pré-determinado, como é o caso de: “Leonardo é um bom corredor” que vimos anteriormente. Em contraste, o uso em um suposto sentido absoluto “Leonardo é uma boa pessoa” é um mal uso do sentido relativo da palavra como símile que não tem referência a um objeto do mundo e, logo, a proposição não tem sentido e nem o signo “boa” significado, não há um padrão pré-determinado que define “boa pessoa”, ou seja, não tem significado. O “bom absoluto” não existe entre os fatos, não é determinado, por isso, não pode ser afigurado pela linguagem de maneira efetiva. A palavra “bom” ou “errado” são usadas a partir de uma analogia sem significado real para representarem o sentido absoluto. Portanto, quando feita a análise lógica de proposições como essa, vemos que, em qualquer tentativa de dizer algo em sentido absoluto, acontece uma falta de atribuição de significado a seus símbolos e que, por isso, a proposição não tem sentido.

Além de definir a Ética como transcendental, Wittgenstein, no *Tractatus*, afirma que a Ética e a Estética são uma só (2020: 6.421). Para explicar essa afirmação do filósofo, Margutti resgata um trecho dos *Diários Secretos* em que Wittgenstein define uma vida feliz como boa, bela e racional (PINTO, 1998, p.237).

Ainda segundo o comentador: “aquilo que uma obra de arte expressa está diretamente relacionada com o sentido ético de nossas vidas” (PINTO, 1998, p. 237). Assim sendo, podemos inferir que proposições estéticas também são absurdos formados por um mal uso da linguagem, visto que, o belo que a estética busca também é um valor de caráter absoluto, o “belo absoluto”.

Por exemplo: “A vida feliz é bela”. Quando é feita uma análise lógica desta proposição se percebe que à palavra “bela” não foi conferido significado, pois não tem referência em nenhum objeto ou fato da realidade, por isso, a proposição não tem sentido. A linguagem é incapaz de exprimir valores absolutos, por esses não serem baseados em fatos. O “belo” em sentido absoluto não está delimitado por padrões pré-determinados ancorados em estados de coisas da realidade. Mesmo que haja a intenção de dar um significado com valor absoluto a esses signos é uma tarefa fadada ao fracasso porque aqueles extrapolam os limites da linguagem.

“A Ética, se ela é algo, é sobrenatural e nossas palavras somente expressam fatos, do mesmo modo que uma taça de chá somente pode conter um volume determinado de água, por mais que se despeje um litro nela” (WITTGENSTEIN, 1929)

Segundo Wittgenstein “A ética nada tem que ver com punição e recompensa, no sentido usual” (6.422: 2020, p. 257), como já vimos antes, os acontecimentos são independentes e acidentais, por isso, um acontecimento não tem como consequência outro acontecimento, esse seria o sentido usual de recompensa ou punição. É dizer, o acontecimento de uma ação “boa” leva a uma recompensa que é um acontecimento “bom”, mas essa relação causal entre acontecimentos não faria sentido, considerando que a natureza dos acontecimentos é aleatória e acidental. Por outro lado, Wittgenstein também afirma “Deve haver, na verdade, uma espécie de recompensa ética e punição ética, mas elas devem estar na própria ação.” (ibidem), a fim de analisar em conjunto cito outra passagem: “O mundo do feliz é um mundo diferente do mundo do infeliz” (2020: 6.43).

Articulado essas ideias podemos inferir que a real recompensa ética é a felicidade, esta não se encontra no mundo. Em vez disso, ela se encontra no sujeito transcendental, não é um acontecimento ou mudança dos fatos do mundo, é uma

mudança na forma de perceber os fatos, na forma de perceber o mundo. Cito: “Por um lado, o sujeito transcendental não pode modificar os fatos; mas ele pode, em contrapartida, modificar sua maneira de encarar os fatos.” (PINTO, 1998, p. 240). Além do mais, esse sentido de consequência concorda também com a seguinte passagem: “6.43 Se boa ou má volição altera o mundo, só pode alterar os limites do mundo, não os fatos; não o que pode ser expresso pela linguagem.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 259). Sendo o sujeito transcendental limite do mundo, este não faz parte do domínio dos fatos e, assim sendo, consequências desse tipo não podem ser ditas, assim como todo o âmbito da Ética.

Ainda seguindo a tese de que a ética é parte do sujeito transcendental, Wittgenstein pontua que a morte não é um acontecimento da vida. Com a morte acaba o mundo, o sujeito transcendental depende dos fatos como objetos de contemplação, com a morte não há fatos, sem fatos não há sujeito, cito: “6.431 Como também o mundo, com a morte, não se altera, mas acaba” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 259). Ou seja, o sujeito transcendental é condição de possibilidade do mundo, sem o sujeito não há mundo. A morte não é um acontecimento da vida pois não é um fato que o sujeito (que morre) pode contemplar, com a morte acaba a contemplação dos fatos que caracteriza a vida. Para clarificar isso, Margutti Pinto resgata a analogia do olho e do campo visual que já nos referimos, cito:

Retomando a metáfora do olho e do campo visual, vemos que, eliminando-se o segundo, fica também automaticamente eliminado o primeiro. O desaparecimento do campo visual implica o desaparecimento de sua condição de possibilidade, ou seja, o olho. De maneira análoga, o desaparecimento do mundo implica o desaparecimento de sua condição de possibilidade, ou seja, o sujeito transcendental. (PINTO, 1998, p. 240-241)

Assim sendo, a morte não responde a questões fundamentais da vida, porque não faz parte desta. Desde a perspectiva de Wittgenstein, a suposta imortalidade da alma não resolve as questões éticas e, entre elas, também não soluciona o problema do sentido da vida. A imortalidade da alma só daria um caráter eterno a essas questões, além de não ser uma hipótese segura por não terem indicativos reais de validade. O enigma da vida, qual o sentido absoluto, o que realmente importa, o que é o certo, o que é bom são questões que se houvesse vida após a

morte continuariam sem respostas, o problema apenas se estenderia com a extensão da “vida” da alma.

Mesmo assim, como vimos, esses problemas não se resolvem, tampouco, pela linguagem ou pelo mundo, já que os valores absolutos fogem do limite da natureza representativa, visto que, não são arbitrários ou independentes. Sendo assim, não cabe à ciência (como totalidade das proposições verdadeiras) a resposta e nem a pergunta dessas questões “(Não são problemas da ciência natural o que se trata de solucionar)” (2020:6.4312). Sendo assim, a solução se encontra além do mundo, fora do espaço e tempo, no próprio sujeito como condição transcendental de possibilidade da relação com o mundo “A solução do enigma da vida no espaço e no tempo está fora do espaço e do tempo” (ibidem). A resposta para o sentido da vida não está, exatamente, nos acontecimentos na vida. A lógica estrutura as relações que se dão no mundo, assim como as relações que se dão na linguagem, mas não determina as condições transcendentais.

Se, como analisamos, a morte para Wittgenstein é o fim do mundo, ou dos fatos, ao ser considerando que sem fatos ou mundo a ser contemplado o sujeito não existe, infere-se que a morte é também o fim do sujeito transcendental. A vida é a contemplação do mundo, o mundo é o conjunto de todos os fatos verdadeiros, todos os estados de coisas existentes. Portanto, dizer que a solução para o enigma da vida não está na vida é o mesmo que dizer que a resposta às perguntas éticas, por exemplo “o que realmente importa?” (que já é em si um contrassenso), não está nos acontecimentos do mundo e, paralelamente, não pode ser dito pela linguagem (2020: 6.4312-6432).

Na passagem “6.4321 Os fatos fazem todos parte apenas do problema, não da solução” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 259), podemos identificar uma ambiguidade na tradução, esta tradução é de Luiz dos Santos Lopez e traduz “*Aufgabe*” como problema, Margutti Pinto, por outro lado, atenta que apesar de não ser a tradução mais usual da palavra (que seriam: trabalho, problema ou tarefa), o sentido usado por Wittgenstein estaria mais alinhado com a tradução “tarefa conferida” ou “missão”. Nesse sentido, se sugere que a cada sujeito é conferido uma missão ou tarefa ética, em que os acontecimentos do mundo pertencem, mas não fazem parte da solução, ou seja, não respondem a questões relativas ao sentido da vida. O filósofo estaria

apontando para a existência de naturezas absolutas como as que a ética busca, a análise lógica não desqualifica isso, apenas esclarece o erro em tentar exprimir estas pela linguagem.

“É certo que a palavra alemã ‘*Aufgabe*’ é normalmente traduzida por ‘trabalho’, ‘problema’, ‘tarefa’. Mas ela está sendo usada aqui mais propriamente no sentido de ‘tarefa conferida’ ou ‘missão’. Esta interpretação sugere que cada um de nós está no mundo para cumprir uma missão, que cada um de nós tem uma “tarefa ética” a realizar: solucionar o “enigma da vida”. Os fatos constituem um obstáculo a ser vencido para que a solução possa ser alcançada. (PINTO, 1998, p. 241)

Posto que a solução do enigma da vida estaria de alguma forma fora do tempo, nesse sentido Wittgenstein afirma: “Se por eternidade não se entende duração temporal finita, mas a atemporalidade, então vive eternamente quem vive no presente” (2020: 6.4311). Nessa passagem Wittgenstein iguala a noção de eternidade e atemporalidade com o “viver no presente”, é dizer, o estar fora do tempo estaria de alguma forma atrelada com a forma de perceber do sujeito que “vive no presente” e não com a duração do tempo da vida. Assim como desde a constatação “o sentido da vida está fora do tempo” não se segue que a solução desse enigma se resolve com o fim da vida ou com a imortalidade da alma. Por outro lado, a eternidade também não é a imortalidade, ou o tempo de duração infinito, mas a forma de perceber “vivendo no presente”. O tempo é parte da condição transcendental da relação entre sujeito e mundo, isto é, o tempo está determinado pela forma de perceber do sujeito, por isso, o eterno é o mesmo que “viver no presente”.

Além disso, o filósofo define o místico como “o que o mundo é”, não “como o mundo é”. Resgatando o capítulo anterior onde definimos a atuação da linguagem, vimos que apesar de apontar para o mundo, seus acontecimentos e objetos, a proposição só pode enunciar acontecimentos, assim como os nomes só nomeiam os objetos. A linguagem mostra sua forma lógica que é a mesma do mundo, expressa o “como” desde as relações entre os objetos. A proposição exprime os estados de coisas, os nomes não dizem o que são os objetos, apenas se referem a eles. Como a nomeação dos objetos é acidental, não há uma ligação necessária entre os

objetos e nomes. É por isso que apenas dentro da proposição o nome tem sentido, pois é a forma lógica que liga estes. A proposição projeta os estados de coisas da realidade, a forma que os objetos se relacionam no mundo está definida pela mesma lógica que define a forma que os nomes se relacionam. É apenas por terem a mesma estrutura do mundo que a linguagem é capaz de se referir a realidade. A única coisa que é representada é a forma que esses objetos se relacionam, a linguagem é incapaz de determinar o “o que” do mundo, apenas o “como”. Sendo assim, o místico não pode pertencer ao âmbito da linguagem, pois faz uma tarefa que é impossível fazer desde a linguagem. Na próxima passagem Wittgenstein agrega mais informações que nos indicam a relação entre o místico e o tempo:

“6.45 A intuição do mundo sub-specie aeterni é a sua intuição como totalidade – limitada.

O sentimento do mundo como totalidade limitada é o sentimento místico. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 259)

Destacando alguns pontos que já foram apresentados: 1) a intuição do mundo “sob o ponto de vista da eternidade” é o mesmo que a “intuição como totalidade”; 2) o “sentimento do mundo como totalidade” é o “sentimento místico”; 3) a eternidade ou “estar fora do tempo” é o mesmo que “viver no presente”; 4) o místico é o que o mundo é. Então desde a eternidade, desde fora do tempo, vivendo no presente é que o sujeito pode acessar o místico, o que o mundo é, a solução do enigma da vida. A solução do enigma da vida está ligada com o sentimento místico, o estar fora do tempo. Outro ponto a ser destacado é o uso da palavra intuição, natureza, que assim como o místico está sempre ligada a um caráter não discursivo distante da ciência e figuração de acontecimentos. Esse sentimento místico expressa duas questões que o envolvem: o mundo como totalidade, a eternidade e a impossibilidade de expressar-se através da linguagem, tendo em consideração que no aforisma 6.522 (2020:6.522) Wittgenstein afirma que o inefável é o místico.

Como conclusão da análise lógica da ética, vemos que, a pretensão da ética é insustentável pela linguagem. A intenção de exprimir por meio da linguagem valores absolutos está completamente fadada ao fracasso. A linguagem representa a realidade por ter uma estrutura comum, isso que permite que as proposições, ao

representarem os estados de coisas [*Sachverhalten*] da realidade, denotem os objetos a partir dos nomes. As proposições (ou a linguagem) só são capazes de representar a forma lógica, as relações que os objetos tem, “como o mundo é”, não o “o que o mundo é”. Os acontecimentos do mundo são entre si independentes, além de acidentais, o mesmo vale para suas figurações (proposições). Por outro lado, os valores absolutos têm uma natureza necessária, caso contrário não seriam absolutos, apenas acidentais. A ética se refere ao “o que o mundo é”, ao místico, ao inefável ao que vai além dos fatos e da proposição. Mesmo assim, da crítica lógica não se conclui a inexistência dos valores éticos, apenas a incapacidade de alcançar os propósitos da ética a partir da linguagem, além da constatação dos erros de falta de atribuição de conotação e sentido que caracterizam esse campo.

3.3 A Metafísica

A análise lógica da Metafísica resgata aspectos da análise feita ao campo da Ética. Assim como as proposições da Ética não tem sentido por não se referirem aos acontecimentos da realidade, as proposições metafísicas também pecam por não se referirem aos estados de coisas e objetos da realidade. A Metafísica pretende descrever a essência e fundamentos do mundo, as condições de possibilidade deste. Se a ética busca o “bom” no sentido absoluto, a estética, o “belo” no sentido absoluto, a metafísica busca o “existir” no sentido absoluto. Nesse sentido, a tradição da filosofia formula termos categorizados como necessários, entre eles, por exemplo, o ser, o uno, o ente, que caracterizam teorias que buscam explicar a essência do mundo.

Resgatando novamente conclusões de seções anteriores deste trabalho (2.1.1, p.22), vimos que a proposição tem como natureza essencial a bipolaridade e a complexidade. Destas se segue que a proposição tenha conteúdo descritivo, é dizer, sentido. O sentido de uma proposição é aquilo que ela representa (2020: 2.222), o que desde a verificação do mundo é verdadeiro ou falso. A proposição legítima possui sentido, logo, um conteúdo descritivo afigurado desde estados de coisas, é uma figuração de uma relação prevista pela forma lógica. Assim sendo, a proposição tem como condição transcendental: 1) os objetos do mundo a que se referem os seus signos simples, para que assim tenham conotação; 2) uma estrutura

comum entre o mundo e a linguagem, para que seja capaz de projetar as relações entre dados objetos na proposição pela concatenação de signos simples.

Por isso, não se pode falar dos objetos fora das relações com os outros, já que a articulação é parte necessária do sentido, assim como não podemos falar da forma lógica sem mencionar os objetos. A proposição legítima necessariamente possui sentido (forma lógica) e significado (conotação a objetos). Assim se explica a causa de as proposições metafísicas não terem sentido, serem contrassensos (*Unssin*). Não se pode falar somente dos objetos, da mesma forma, não se pode falar somente da estrutura das relações. O objeto fora de concatenação não tem sentido, articulação sem objeto não tem significado (e por isso também não tem sentido, já que para ter sentido é necessário que todas as suas partes tenham significado). Estas são as condições transcendentais de possibilidade da linguagem, dado o paralelismo entre a linguagem e a realidade, são também as condições transcendentais de possibilidade da realidade.

Portanto, a intenção metafísica de falar apenas do objeto, fora de suas relações com os outros, ou de generalizar as formas de relações separando-as dos objetos não pode se concretizar desde a linguagem. A linguagem está determinada pela natureza essencial da proposição que está submetida à estrutura dada pela forma lógica, por isso foge o limite da figuração a tentativa de definir as condições transcendentais, pois, sendo condições antecede a existência da linguagem e, como consequência, esta não pode representar aquela. Mesmo que questões como as da Metafísica ou Ética estejam presentes na vida, elas não podem ser ditas, já que sua existência não está no mundo e a linguagem depende do paralelismo para expressar-se. Com isso, essas questões não podem se quer serem formuladas, tendo em conta os parâmetros lógicos do sentido, e muito menos respondidas. Cito:

“6.5 Para uma resposta que não se pode formular, tampouco se pode formular a questão.

O enigma não existe.

Se uma questão se pode em geral levantar, a ela também se pode responder.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 261)

3.4 Implicações e o “Suicídio Autofágico”

Os problemas que a Filosofia tenta tratar, assim como a Ética e a Metafísica estão desde o início baseados em erros lógicos, no mal uso da linguagem. Essas proposições não possuem sentido, não tem conotação em objetos do mundo, não seguem as determinações da estrutura lógica. Isso acontece, não apenas por haver um mau conhecimento da lógica da linguagem, mas, porque essas questões existem de maneira transcendental e a linguagem é incapaz de exprimi-las. Da mesma forma que independente da quantidade de vinho que se derrama na taça só é possível conter um limite determinado do líquido, a linguagem só é capaz de expressar até o limite dos fatos, mesmo que se continue tentando derramar mais significados. A intenção de dizer o indizível, inefável, inexprimível leva ao contrassenso [*Unsinn*].

A questão, por ser uma tentativa de exprimir a partir da linguagem, não existe, visto que para tanto deveria ter sentido e respeitar os parâmetros da linguagem. O mesmo valerá para a resposta desse tipo de questão, não existe, não faz parte do que pode ser exprimido pela linguagem. Se a questão e a resposta existissem seria porque a linguagem seria capaz de exprimi-las. O que faz a questão não existir não é a impossibilidade de naturezas inefáveis. Questionamentos e problemas só podem ser levantados desde suas expressões, é dizer, os questionamentos se constroem pela linguagem. Consequentemente, a causa da inexistência de questões ou respostas metafísicas e éticas é a impossibilidade de expressar o místico pelo uso de palavras e da linguagem. Como os questionamentos dependem da linguagem para existir e a expressão da Metafísica e Ética são contrassensos, os problemas levantados são apenas erros de linguagem e o enigma não existe.

As questões que existem são aquelas que respeitam o limite da linguagem. Este limite é o sentido, a possibilidade prevista no espaço lógico, a conservação da estrutura. É dizer, as questões sempre devem se referir a possibilidades de estados de coisas, tratar de descrições da realidade. Sendo assim, fica amparado por essas determinações a existência das questões da ciência natural, assim como a existência de suas respectivas respostas. Visto que a intenção das ciências naturais é a descrição do mundo, sem ir além de suas possibilidades e conservando a forma estrutural paralela da realidade e da linguagem. Sendo assim, apenas questões da ciência natural existem e podem ser respondidas.

Por outro lado, segundo Wittgenstein, visto que a totalidade das questões são as questões da ciência natural, outros campos, como já analisamos anteriormente, não são capazes de criar questões legítimas, considerando que se baseiam em erros linguísticos e suas proposições não fazem sentido. Como consequência, se todas as questões possíveis de serem levantadas fossem respondidas, mesmo assim, as dúvidas que realmente nos assombram, os problemas da vida, continuarão sem resposta. A resposta de todas as questões só implicaria no conhecimento de todos os estados de coisas do mundo, todas as relações existentes, não responderia dúvidas mais fundamentais como as da Filosofia.

“6.52 Sentimos que, mesmo que todas as questões científicas possíveis tenham obtido resposta, nossos problemas de vida não terão sido sequer tocados. É certo que não restará, nesse caso, mais nenhuma questão; e a resposta é precisamente essa.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 261)

Dessa forma, desde a constatação da impossibilidade da linguagem de chegar a certos assuntos, vemos que, mesmo se todas as questões (científicas) fossem respondidas, outros problemas não serão abarcados, pois, a linguagem não é sequer capaz de formular questões para esses. Essa análise explica quase toda a citação, menos o final de sua última frase: “e a resposta é precisamente essa”. Segundo Margutti, a própria constatação da impossibilidade de chegar às questões mais importantes desde a linguagem que implica no libertar-se dessas amarras que são as palavras e o sentido. Essa é a “resposta” não discursiva que “responde” às “questões” que não podem ser expressas: o pensamento deve se libertar da linguagem (2020: 6.521).

Ainda que cada proposição metafísica e ética sejam de fato contrassensos [*Unsinn*], elas, ao forçar os limites da linguagem, apontam para a existência do místico. Da mesma forma que as proposições lógicas, ao serem tautológicas, mesmo não tendo sentido, mostram propriedades formais da linguagem e da realidade (2020: 6.12). Cito: “6.522 Há por certo o inefável, isso se mostra, é o místico.” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 261). Sendo assim, desde a análise lógica é possível perceber que mesmo as proposições da Metafísica e Ética se baseando em

erros linguísticos, estas ainda têm um papel fundamental de indicar, apontar, mostrar aquilo que não pode ser dito.

Como já comentamos anteriormente, Wittgenstein determina que a filosofia não pode ser teórica por ser algo diferente das ciências da natureza. Seu papel, portanto, não é descritível. Sua atuação legítima, pelo que determina o sentido, é uma constante atividade de clarificação lógica, não uma tentativa de descrever o mundo ou a realidade. Sua tarefa é, desde a análise da proposição e consideração de sua natureza, indicar se foi conferido sentido ou não, ou seja, se há algum erro na determinação do sentido das partes da proposição ou na articulação do sentido de maneira geral. Este é o método correto da filosofia diferenciar as proposições com sentido [*Sinn*] das outras [*Sinnlos/Unsinn*].

As proposições com sentido são aquelas que se referem ao mundo, conservando a denotação aos seus objetos e a forma lógica que estruturam os estados de coisas, estas pertencem ao campo das ciências naturais. Por outro lado, as proposições que não fazem sentido [*Sinnlos/Unsinn*] são aquelas que falham em se referir a realidade, não projetam possibilidades do mundo, não são figurações de estados de coisas, ou, em certos casos, se constroem por meio de erros linguísticos, não atribuindo significado a suas partes ou mesmo fazendo relações não previstas pela estrutura lógica.

Tendo em consideração as condições para que as proposições tenham sentido, se essa mesma análise lógica for aplicada às proposições do *Tractatus* a conclusão não poderia ser outra além de que é um texto formado por contrassensos [*Unsinn*]. Assim sendo, podemos, inclusive, apontar alguns porquês que caracterizam a falta de sentido das proposições do *Tractatus*: não é um livro sobre ciência natural, não fala sobre acontecimentos do mundo ou suas possibilidades; se refere a objetos fora de estados de coisas, por exemplo “2.027 o fixo, o subsistente e o objeto são um só” (WITTGENSTEIN, 2020, p.135); se refere a relações sem objetos ou a condições de natureza formal, por exemplo “2.011 É essencial para a coisa poder ser parte constituinte de um estado de coisas”(WITTGENSTEIN, 2020, p. 129), visto que a palavra “coisa” não tem um objeto determinado, é uma generalização de todos os objetos, a figuração trata de uma relação formal. Ao tentar definir a linguagem e lhe conferir a possibilidade de representar a realidade,

Wittgenstein define o paralelismo e chega a conclusões sobre os fundamentos da realidade, o que caracteriza a o campo da metafísica que é necessariamente, como já vimos, formado por contrassensos. Assim como uma proposição que tem como elemento ela mesma (“Esta frase não tem 6 palavras”) não tem sentido [*keinen Sinn*], falar sobre a linguagem como totalidade das proposições através de proposições também não faz sentido; entre outras razões. O que nos leva ao penúltimo aforisma do *Tractatus*:

6.54 Minhas proposições elucidam dessa maneira: quem me entende acaba por reconhecê-las como contrassensos, após ter escalado através delas - por elas - para além delas. (Deve, por assim dizer, jogar fora a escada após ter subido por ela.) Deve sobrepujar essas proposições, e então verá o mundo corretamente. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 261)

Nesse momento, Wittgenstein faz o que julga ser necessário a qualquer forma de expressão, uma autocrítica. O que leva ao que chamamos de “suicídio autofágico”, momento em que a crítica leva à dissolução dela mesma. Essa autoanálise mostra que as próprias proposições do *Tractatus* são contrassensos (*Unsinn*). Mas isso não leva à automática dissolução da importância do texto, pois, como vimos, proposições que como essa pressionam a linguagem a dizer o indizível acabam por mostrar a existência do místico.

Por fim, no último aforisma “7. Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se manter silêncio” Wittgenstein representa a existência de coisas que vão além dos limites da linguagem e que por isso não podem ser ditas. Como vimos, é porque tentamos forçar as proposições a ir além de seus limites que podemos reconhecer a existência de naturezas que não podem ser ditas, como já disse Margutti Pinto (1998) “Por meio delas nos colocamos à beira do abismo do contrassenso”. Dessa forma, encontramos uma forma de referir ao inefável pelo silêncio, abandonando as amarras lógicas da linguagem.

Mas a construção do conceito “suicídio autofágico” por parte de Margutti vai muito mais além do que a análise estrutural dessa passagem, como toda a conclusão trata de naturezas essencialmente não discursivas, a interpretação de Margutti aborda elementos biográficos e bibliográficos mapeando tanto os acontecimentos da vida de Wittgenstein quanto suas leituras e técnicas heurísticas

que resultaram na obra adjunto a análise de livros que o autor leu até o momento que escreveu a obra.

Para falar da vida de Wittgenstein, Margutti afirma que aquele passava por uma crítica existencial na redação do *Tractatus* que o levou a se afastar de seus companheiros e seu amado (Russell, Moore e David Pinsent). Sua crise ancorava tanto em questões morais quanto em questionamentos lógicos. Nesse sentido podemos resgatar uma passagem de uma carta enviada a Russell em que Wittgenstein escreve que “a coisa mais importante de longe era acertar as contas consigo mesmo” . Além de se exilar em solidão, o mesmo acabou por se alistar como voluntário na Primeira Guerra Mundial. Margutti aponta um caráter depressivo e suicida ligado à sua atuação na guerra. Ademais a todo o sofrimento causado pela guerra que expressa em seus *Diários Secretos*, seu amado, David Pinset, morre em um acidente enquanto estavam afastados, levando-o a ainda mais sofrimento. Esta crise existencial teria sido causada pela leitura de autores que marcaram sua vida e consequentemente a obra do autor. Entre eles Margutti destaca: Schopenhauer. Weininger, Tolstoi, William James, Frege, Russell, Hertz, Boltzmann. Além de Mauthner, visto que, segundo Margutti, Janik e Toulmin, Wittgenstein teria escrito o *Tractatus* como resposta a crítica da linguagem cética de Mauthner.

Com base na pesquisa de Margutti, para analisar os autores que influenciaram Wittgenstein até o período que foi escrito o *Tractatus*, podemos dividi-los em dois grupos referentes a temas, o primeiro relativo a questões de natureza linguística e lógica, onde os autores Frege, Russell, Hertz e Boltzmann enfatizam a dimensão lógica da ciência e têm como tarefa resolver problemas ligados ao conhecimento a partir da clarificação lógica, visto que os erros e problemas do conhecimento seriam produto do mau uso da linguagem.

Além destes, Mauthner também participa deste grupo, em um subgrupo, por realizar uma crítica da linguagem chegando a um ceticismo. Segundo o mesmo, a linguagem é incapaz de descrever o que quer que seja, o conhecimento através dela seria impossível e a ciência não seria capaz de conhecer o mundo. Inicialmente o *Tractatus* trata de questões referentes a problemas lógicos que podem estar muito bem relacionados com as influências de Frege e Russell. Propondo postulados lógicos que ao serem seguidos chegariam a uma linguagem que conservasse o

sentido, e com isso seria capaz de descrever o mundo. No entanto, ao pensar regras lógicas para o bom uso da linguagem, Wittgenstein chega à noção de paralelismo físico-lógico que trata muito mais de questões fundamentais (talvez até metafísicas), condições de existência do mundo e da linguagem, do que um tema meramente lógico e instrumental. Nasce uma nova crítica da linguagem que averigua sua legitimidade e seus limites desde análises lógicas.

Já o segundo grupo de autores lidos por Wittgenstein que podemos relacionar com o conteúdo do *Tractatus*, se caracterizava por preocupações éticas e metafísicas, são os seguintes autores: Schopenhauer, Otto Weininger, William James e Tolstoi. Estes convergem na crença de uma noção de existência do místico, uma natureza não-discursiva, da qual a natureza inefável de que fala Wittgenstein é similar. Também se repete nestes a noção de que para alcançar o místico é necessário um esforço sobre-humano de abandono da subjetividade, no caso do *Tractatus* isso seria o processo árduo de crítica da linguagem seguido de uma autocrítica que o levou ao abandono da linguagem, implicando no silêncio.

A situação-limite da guerra, adjunta a análise das condições de possibilidade da linguagem permitiu a Wittgenstein estabelecer os limites da linguagem de maneira conjunta e articulada às suas convicções éticas. Cito:

A solução do problema ético pessoal foi obtida por meio do expediente suicida de alistar-se como voluntário no exército austríaco. A situação-limite da guerra permitiu que ele tivesse a desejada experiência mística anunciada por Schopenhauer, Weininger, William James e Tolstoi. A solução do problema lógico foi obtida com a utilização das doutrinas de Frege, Russell, Hertz e Boltzmann na empreitada suicida da crítica da linguagem (Mauthner) transferida para uma perspectiva transcendental (Kant, Schopenhauer). A situação-limite da análise das condições de possibilidade da linguagem permitiu-lhe estabelecer os limites intrínsecos da linguagem e conciliar as pesquisas lógicas com as convicções éticas. Parece ter sido esta a origem sofrida da filosofia paradoxalmente harmoniosa do *Tractatus* (PINTO, 1998, p. 140)

Dentre as inclinações que levaram à escrita do *Tractatus* vemos que a análise da linguagem era necessária e anterior a própria tentativa de delimitar a possibilidade do conhecimento que se expressa pela linguagem. Sendo que, é pela linguagem que se expressa o conhecimento, então, é necessário avaliar a

possibilidade da linguagem antes de avaliar a possibilidade do conhecimento. Conforme Margutti, é desde a influência de Mauthner e Frege que Wittgenstein aponta para a possibilidade de criar ilusões desde a linguagem e a necessidade de uma crítica lógica da linguagem. E é isso que Mauthner teria feito, chegando à conclusão cética de que a linguagem não conseguiria representar o que quer que seja. No entanto, os postulados lógicos de Russell e Frege apontavam para a capacidade de descrição das proposições das ciências da natureza. Assim, se fundamentaria a inclinação de articular uma nova análise da linguagem que considere a coesão lógica das proposições científicas e a possibilidade de representação do mundo.

Partindo da análise da linguagem como descrição do mundo, há uma busca, por parte de Wittgenstein, pelas condições que possibilitam a projeção da realidade. Resgatando de Frege a ideia da proposição como unidade mínima da linguagem, o austríaco, então, parte desde a análise da natureza e condições da proposição para definir os fundamentos da linguagem como um todo. A questão é que ao pretender fazer a análise da proposição desde a linguagem, é dizer, desde proposições, é impossível que estas proposições poderiam descrever e postular as condições de possibilidade que elas mesmas estão submetidas. A proposição não pode exprimir o que determina a proposição, porque ela mesma já está determinada por aquilo que tenta exprimir. Com isso, a crítica da linguagem é, em si mesma, por si mesma, fadada a ser contrassenso (*Unsinn*). Cito:

“Ora, isso levanta imediatamente a questão sobre o estatuto deste discurso: pode haver proposições que descrevam as condições de possibilidade de qualquer descrição? Não haveria um círculo vicioso aí, na medida em que cada proposição do *Tractatus* estaria postulando, em sua própria estrutura, as condições de possibilidade que ela pretende descrever? Infelizmente, a resposta a essa questão é afirmativa. Como 'crítica da linguagem', a filosofia corresponde a um empreendimento logicamente impossível. Isso significa que as proposições do *Tractatus*, na medida que tentam explicitar o resultado da crítica da linguagem, acabam por desrespeitar a lógica da linguagem e constituem contra-sensos.” (PINTO, 1998, p. 341)

Nesse sentido, é interessante lembrar o Prefácio do *Tractatus* em que o filósofo enuncia que sua pretensão é traçar um limite para a expressão do pensar. Para isso, segunde ele, é necessário identificar os dois lados desse limite, pensar o

que pode ser expresso desde o pensamento e pensar o que não pode. Este limite é traçado desde a linguagem, caracterizando o que não pode ser expresso do pensamento como contrassenso [*Unsinn*]. Essa diferença divide as expressões em aquilo que pode ser dito e respeitam a lógica da linguagem; e, por outro lado, o que do pensamento não pode ser expresso desde a linguagem, não obedece às determinações da lógica e só aparentemente tem sentido. Portanto, a linguagem é dividida em: com sentido [*Sinn*] e o que não tem sentido [*Unsinn*].

Desde os destaques feitos por Margutti Pinto (1998, p. 343) vemos que esta conclusão fica clara quando resgatamos alguns pontos do *Tractatus*. No aforisma 4.12 (2020:4.12), Wittgenstein afirma que a proposição pode representar a realidade, mas não pode representar a forma lógica, já abordamos anteriormente a causa disso quando tratamos da análise feita às proposições da metafísica. Sendo a proposição incapaz de representar a forma lógica, não tem sentido [*keinen Sinn*] atribuir uma forma lógica à proposição, como é o caso de “A forma lógica não pode ser dita”. Ou seja, afirmar que a proposição não pode representar a forma lógica é atribuir uma forma lógica à proposição. A própria proposição que nega a possibilidade de representar a forma lógica, representa a forma lógica ao atribuir a forma lógica de “impossibilidade de representar a forma lógica” à proposição. Se “ser incapaz de representar uma propriedade formal” é uma propriedade formal, então é absurdo dizer que a proposição não pode representar uma propriedade formal, como acontece no *Tractatus* (em 4.12: 2020, p. 167).

Esse exemplo resgata os problemas dos paradoxos resolvidos por Russell, onde a proposição não pode ser elemento dela mesma. A metalinguagem gera, necessariamente, proposições que não possuem sentido [*keinen Sinn*]. Ao fazer uma teoria que se refere a toda a linguagem, a todas as proposições, através de proposições, Wittgenstein irá, necessariamente, criar paradoxos, ou melhor, estará escrevendo contrassensos [*Unsinn*]. Assim como uma função não pode ter como elemento ela mesma, uma proposição não pode falar de si mesma. Cito: “Portanto, para todas as tentativas de fazer metalinguagem, inclusive a do *Tractatus*, vale a inexorável e desalentadora conclusão: não há como falar sobre protótipos (5 .535 1).” (PINTO, 1998, p. 344)

Segundo Margutti, Wittgenstein supera esse problema com a diferenciação do “dizer” e “mostrar”, cito “4.1212 O que pode ser mostrado não pode ser dito” (WITTGENSTEIN, 2020, p. 169). Considerando a interpretação de Margutti Pinto (1998, p. 348), as proposições do *Tractatus* não têm sentido ao tentarem dizer coisas que se mostram (como é o caso da forma lógica). Essa tentativa é ilógica e só leva a contrassensos. Mesmo assim, a crítica (que não tem sentido) da linguagem possibilita o contato com aquilo que não pode ser dito. Pela tentativa de dizer o que não pode ser dito, é que se mostra o limite entre aquilo do pensamento que pode ser expresso e aquilo que não pode, o místico. Essa elucidação leva ao sujeito transcendental o abandono das palavras e da lógica. Se vê que, seguindo as determinações da lógica, respeitando a estrutura, não é possível entender tudo que faz parte da vida, o inefável, o místico, a Ética, etc. Para mostrar a referência a Margutti, cito:

O "argumento", ou melhor, a experiência de um argumentar reiteradamente fracassado, avança, assim, no sentido da autodestruição definitiva do dizer (contradição, autófagia, "morte") e da recuperação do que está além do dizer por meio de um mostrar que se dá num lampejo e é essencialmente não discursivo (síntese, clarificação, "renascimento"). (PINTO, 1998, p.351)

Com isso, concluímos que o “manter silêncio” se refere a coisas que não podem ser ditas, mas mostradas. Esse processo está atrelado ao “viver no presente” que fala Wittgenstein, nem tudo pode ser dito, devemos entender a diferença entre o que pode ser dito e o que não pode. Dessa clarificação, que distingue o que faz sentido e o que não faz, se segue a compreensão da diferença entre dizer e mostrar. A consciência de tudo isso leva o sujeito a abandonar as palavras, a desistir da tentativa de dizer o que não pode ser dito, e assim, viver no presente. Nem tudo que pode ser pensado pode ser expresso, o pensamento poderá, portanto, intuir o mundo como totalidade limitada (2020: 6.45), além de intuir o que realmente importa (2020: 6.42), o que não faz sentido, viver eternamente no presente (2020: 6.4311), etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo principal da pesquisa foi abordar a questão do silêncio em Wittgenstein, para isso, passamos por alguns momentos articulando objetivos específicos. Em um primeiro momento foi feito um paralelo da filosofia de Wittgenstein no *Tractatus* como sendo uma crítica lógica da linguagem com as tradições crítica e lógica para deixar claro que a pretensão do filósofo em sua análise era de delimitar a expressão do pensamento desde as determinações dadas pela lógica sobre a linguagem, tendo em vista que, o pensamento se expressa pela linguagem. Analisamos, então, a questão da natureza essencial da proposição, tendo em conta que para Wittgenstein a proposição é a menor partícula de linguagem, fazendo desta última equivalente a totalidade das proposições. Como consequência, a natureza da proposição dita seus limites, condições e fundamentos assim como os da linguagem. Para definir a natureza da proposição, o austríaco resgata a caracterização feita por Aristóteles, em que é dado à proposição duas características essenciais: a complexidade e a bipolaridade.

Tendo em vista que o primeiro objetivo específico da pesquisa foi analisar a relação linguagem e mundo, na segunda seção do trabalho, foi feita uma recuperação dos fundamentos do *Tractatus*. Onde se analisou a definição da relação paralela entre linguagem e realidade. O objetivo era determinar se a linguagem pode de fato representar e enunciar a realidade, possibilitando o conhecimento dos fatos, etc. Além disso, é necessário compreender quais as condições para que haja essa relação de projeção entre um e outro. Para Wittgenstein, a condição é a estrutura lógica, os objetos e os nomes. A linguagem só pode projetar a realidade porque estas dividem a mesma estrutura. Sendo assim, uma não precede ou determina a outra, mas são determinados por uma forma comum. Para Wittgenstein, para que a linguagem seja capaz de se referir a realidade é necessário que haja algo em comum que possibilite a relação dessas naturezas diversas, com isso é que ambos seguem a mesma lógica, têm a mesma estrutura formal. Disso se segue os paralelos: linguagem e realidade, proposição e estados de coisas [*Sachverhalten*], objetos e nomes. É porque o mundo é organizado em relações, determinadas pela lógica, por relações de objetos, e por outro lado, visto que a linguagem ao seguir a

mesma lógica das relações da realidade, as proposições projetam os estados de coisas pelas articulações de nomes que simbolizam os objetos. A linguagem é capaz de afigurar a realidade justamente porque as relações seguem a mesma lógica. Assim, por essa conexão entre realidade e linguagem pela estrutura, uma realidade diferente, com uma lógica diferente terá, conseqüentemente, uma linguagem diferente que poderá representá-la. Além dessa condição, é necessário que existam os objetos no mundo, para que, sejam nomeados e tanto os nomes quanto os objetos possam criar vinculações e estabelecer os estados de coisas e as proposições que afiguram estes últimos.

Na terceira seção do trabalho, apresentamos a análise lógica de Wittgenstein em relação a alguns campos que buscam expressar conhecimentos objetivos desde a linguagem. Dessa forma, abordamos a lógica, a ética e a metafísica. A conclusão é que todos esses campos são baseados em erros linguísticos. A justificativa é diferente para cada campo, no caso da lógica é por se compor de tautologias, pseudo-proposições que não tem sentido [*Sinnlos*], estas ao tentarem demonstrar a forma lógica se desconectam do processo de afiguração e descrição da realidade e do mundo. Outros casos que ocasionam a falta de sentido são problemas de atribuição de significado a signos, como acontece com as proposições da Ética e da Metafísica que tentam expressar valores absolutos, mesmo estes não existindo no domínio dos fatos. Se não é um fato, então, não pode ser afigurado pela proposição de forma legítima. Além disso, a Metafísica, ao buscar determinar os fundamentos da realidade, tenta exprimir, desde a linguagem, a forma lógica e os objetos fora das relações com os outros. Visto que, analisada a natureza da proposição que compõe a linguagem, ambos são impossíveis, suas proposições são contrassensos [*Unsinn*].

Após isso, expomos a autoanálise lógica feita por Wittgenstein sobre as proposições que compõem o *Tractatus* determinando que, assim como a Lógica, a Ética, a Metafísica, é composta por erros de linguagem. Considerando que a intenção de sua obra, assim como os seus erros, se aproximam muito mais da Metafísica do que da Ciências Naturais, única forma de discurso proposicional com sentido. O *Tractatus*, em seu penúltimo aforisma, pontua que as próprias proposições do livro são contrassensos [*Unsinnig*], seguindo o que o livro determina que é necessário para ser uma proposição com sentido. Este é o momento que

Margutti chama “Suicídio Autofágico”, em que, aplicada a análise crítica lógica à si mesma a crítica acaba por cometer um suicídio elíptico, por existir a crítica lógica “engole seu próprio rabo”, suicida-se “comendo de sua própria carne”. Tendo em consideração que Wittgenstein diz que a Lógica, a Ética, a Estética, a Metafísica e o próprio *Tractatus* são compostos por proposições sem sentido, ele não desconsidera a importância que estes tentam abordar, desconsidera a possibilidade da expressão destas questões, dadas as condições para ter sentido. Com isso se conclui que “sobre o que não se pode falar, deve-se manter silêncio”, que o silêncio referido aqui é relativo a naturezas místicas que, apesar de existirem, não podem ser ditas. Assim se infere que o manter silêncio significa abandonar as amarras feitas pelas condições formais de existência da linguagem.

A compreensão da diferença entre o que pode ser dito e o que não pode, adjunto a compreensão da diferença entre dizer e mostrar, levam o sujeito a intuir o místico. Tendo em consideração que, segundo Margutti, é pela tentativa falha de dizer o que não pode ser dito que é possível intuir a diferença entre os dois domínios da linguagem, estes sendo o que do pensamento pode ser expresso e o que não pode. Proposições não podem dizer o que são as propriedades formais da proposição, mas, ao tentar, mesmo não tendo sentido por cometerem metalinguagem, mostram a forma lógica, ao levar à sua intuição. Da mesma forma, as proposições éticas que apesar de cometerem erros linguísticos, serem contrassensos [*Unsinnig*], não determinarem os significados [*Bedeutungslos*] de suas partes, ainda assim, desde a análise lógica destas que o sujeito será capaz de identificar a limitação da linguagem de exprimir valores absolutos. Com isso, o sujeito “mantém o silêncio” em relação a essas coisas que não podem ser ditas e passa a “viver no presente”. Sobre essas reflexões que abordam o estatuto do presente, sujeito transcendental, místico, silêncio e demais tópicos presentes na última seção, tendo em vista a impossibilidade de conclusão neste trabalho, o maior desenvolvimento desdes é pretensa em pesquisas futuras.

Em suma, foi constatado como Wittgenstein chega a indicar a presença do inefável, aquilo que não pode ser dito, desde a diferença entre com sentido e o contrassenso [*Unsinn*], e a diferença entre dizer e mostrar. Assim, o contrassenso, apesar de não dizer, mostra, de certa forma, aquilo que não pode ser dito. Para

poder definir isso, analisamos a relação entre a linguagem e o mundo. Estes dois têm uma relação de paralelismo, são duas naturezas determinadas por uma mesma estrutura, esta é a forma lógica. Além disso, também definimos como interligados o místico e o silêncio, pois, o místico é aquilo que não pode ser dito, e o que não pode ser dito deve se manter silêncio. O conceito “suicídio autofágico” de Margutti é o que o comentador identifica como ponto que possibilita a compreensão da diferença entre com sentido e contrassenso, mostrando-a. O conceito é feito considerando que a própria pretensão de Wittgenstein de dizer o que pode ou não pode ser dito está fadada a ser contrassenso, por suas próprias determinações, assim a crítica lógica da linguagem se suicida “comendo a sua própria carne”.

REFERÊNCIAS

JANIK, Allan; Toulmin, Stephen. **Wittgenstein's Vienna**. New York, NY: Touchstone Simon and Schuster, 1973. 314p. ISBN: 0-671-21360-1

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Crítica Da Linguagem e Misticismo No Tractatus**. Revista Portuguesa de Filosofia, vol. 58, no. 3, 2002, pp. 497–518. *JSTOR*, <http://www.jstor.org/stable/40337702>. Acesso em: 21 jun. 2022.

PINTO, Paulo Roberto Margutti. **Iniciação ao silêncio**: Análise do Tractatus de Wittgenstein. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1998. 366 p. ISBN 85-15-01652-4

PORTELA FILHO, Raimundo Nonato Araujo; PORTELA, Maria Almeida. **Considerações acerca da Ética no Tractatus de Wittgenstein**. Professores do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Disponível em: http://www.sbpcnet.org.br/livro/68ra/resumos/resumos/1169_1142bdda5657ef7b2ea6cb2fdb1d34be6.pdf. Acesso em: 28 jun. 2022.

SANTOS, Luiz Henrique Lopes. **Essência da Proposição e a Essência do Mundo**. In: Ludwig Wittgenstein. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. ISBN 978-85-314-0093-3.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Conferência Sobre Ética**. In: DALL'AGNOL, D. **Ética e Linguagem: uma introdução ao Tractatus de Wittgenstein**. Florianópolis/São Leopoldo: Editora da UFSC/ Editora da Unisinos, 2005, p. 213 -224.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Da Certeza**. Trad. Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70 Lda, 1969. ISBN 972-44-0816-7

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Lecture on Ethics**. 2002. Prepared: Robert Charleston. Disponível em: <http://sackett.net/WittgensteinEthics.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2022.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. ISBN 85-13-00859-1

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução: Luiz Henrique Lopes dos Santos; Introdução: Bertrand Russell. 3. ed. 4.reimpr. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2020. .

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Tradução e apresentação: José Arthur Giannotti. São Paulo: Companhia Editora Nacional Editora da Universidade de São Paulo, 1968.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-Philosophicus**. Santiago: Edição Eletrônica de www.philosophia.cl /Escuela de Filosofía Universidad ARCIS. Disponível em: <https://www.philosophia.cl/biblioteca/Wittgenstein/Tractatus-logico-philosophicus.pdf> Acesso em: 21 jun. 2022.